



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DOS ÓRGÃOS COLEGIADOS



DELIBERAÇÃO Nº 83, DE 18 DE JUNHO DE 2010.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, tendo em vista a decisão tomada em sua 288ª Reunião Ordinária, realizada em 18 de junho de 2010, e considerando o que consta do processo nº 23083.0014143/2009-78,

RESOLVE: Aprovar o Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental, do Instituto Três Rios.

RICARDO MOTTA MIRANDA
Presidente



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DOS ÓRGÃOS COLEGIADOS**



ANEXO À DELIBERAÇÃO Nº 83, DE 18 DE JUNHO DE 2010.

PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GESTÃO AMBIENTAL

**Três Rios
2009**

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	3
2	HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO	4
3	DESCRIÇÃO GERAL DO CURSO	7
3.1	Acesso, Organização, Funcionamento e Gestão	8
3.2	Coordenação e Corpo Docente	10
4	OBJETIVOS GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO CURSO	12
5	HABILIDADES E COMPETÊNCIAS	14
6	ESTRUTURA CURRICULAR	16
6.1	Matriz Curricular do Curso de Gestão Ambiental	19
6.2	Atividades Complementares em Gestão Ambiental	21
6.3	Atividades Acadêmicas em Gestão Ambiental	22
6.3	Estágio Supervisionado em Gestão Ambiental - ESGA	22
7	SISTEMAS DE AVALIAÇÃO	23
7.1	Sistema de Avaliação do Curso	23
7.2	Sistema de Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem	23
	Anexos:	25
	Programas das Disciplinas do Curso de Gestão Ambiental	25

1 APRESENTAÇÃO

As Instituições de Educação Superior, de acordo com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996), passam a exercer sua autonomia, no tocante a elaboração do Projeto Pedagógico dos cursos ofertados.

Ao considerar que a Universidade funciona como uma caixa de ressonância para a busca da solução dos problemas da sociedade, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Três Rios, através do Departamento de Ciências Administrativas e do Ambiente, apresenta o Projeto Pedagógico do Curso de Gestão Ambiental. Este projeto tem como finalidade definir as linhas gerais de atuação política e pedagógica do referido curso.

As linhas centrais: a busca da excelência para a formação técnica, sendo os futuros egressos, profissionais que possam servir como egressos que atuem de forma pró-ativa nas questões referentes da preservação do meio ambiente, a conservação dos recursos naturais, a utilização racional dos meios e recursos que contribuem para o equilíbrio dos ecossistemas e para a discussão sobre a visão crítica e a construção de uma ética que seja comprometida com o bem-estar da sociedade.

Este projeto cumpre também a tarefa de apresentar uma Matriz Curricular que possa proporcionar a materialização dos objetivos propostos. Além disso, é detalhado o processo educativo proposto, definindo mecanismos de operacionalização de como será executado a interface teoria-prática e o tripé de sustentação do ensino superior público e de qualidade: ensino – pesquisa – extensão. Apresenta-se os recursos a serem utilizadas nesse processo, como as atividades acadêmicas e complementares, o estímulo a visitas técnicas, o incentivo a realização de pesquisas, em especial de aquelas a serem orientadas por professores do quadro em consonância com as metas e objetivos a serem alcançados por esse curso em longo prazo.

2 HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO

A UFRRJ tem suas origens no Decreto 8.319 de 20 de outubro de 1910, assinado por Nilo Peçanha, Presidente da República, e por Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda, Ministro da Agricultura. Ele se estabeleceu as bases fundamentais do ensino agropecuário no Brasil, criando a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, cujo primeiro diretor foi o engenheiro agrônomo Gustavo Dutra. A sede foi instalada, em 1911, no palácio do Duque de Saxe, onde hoje está o CEFET/MEC, no Maracanã, Rio de Janeiro.

Inaugurada oficialmente em 1913, funcionou por dois anos com seu campo de experimentação e prática agrícola em Deodoro. Fechada sob alegação de falta de verbas para manutenção, em março de 1916 fundiu-se à Escola Agrícola da Bahia e à Escola Média Teórico-Prática de Pinheiro, onde hoje estão instalados o Campus de Pinheiral e a Escola Agrotécnica Nilo Peçanha. Em 1918, a Escola foi transferida para a Alameda São Boaventura, em Niterói, onde funciona hoje o Horto Botânico do Estado do Rio de Janeiro. O seu novo regulamento só foi aprovado em 1920, quando foi criado o curso de Química Industrial. Em 1927, a Escola mudou-se para a Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Em fevereiro de 1934, o Decreto 23.857 transformou os cursos na Escola Nacional de Agronomia, Escola Nacional de Medicina Veterinária e Escola Nacional de Química. A Escola Nacional de Agronomia subordinava-se à extinta Diretoria do Ensino Agrícola, do Departamento Nacional de Produção Vegetal; a Escola Nacional de Veterinária ao Departamento Nacional de Produção Animal, do Ministério de Agricultura. A Escola Nacional de Química, transferida para o antigo Ministério da Educação e Saúde, viria a constituir-se na Escola de Engenharia Química da atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – antiga Universidade do Brasil. Em março de 1934, as Escolas Nacionais de Agronomia e Nacional de Veterinária tiveram o regulamento comum aprovado e tornaram-se estabelecimentos-padrão para o ensino agrônomo do País. Neste ano formaram-se 12 Engenheiros Agrônomos e 16 Médicos Veterinários. A Portaria Ministerial de 14 de novembro de 1936 tornou as Escolas independentes, com a aprovação de seus próprios regimentos. Em 1938, o Decreto-Lei 982 reverteu a situação – enquanto a Escola Nacional de Agronomia passou a integrar o Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas (CNEPA), recém-criado, a Escola Nacional de Veterinária passou a subordinar-se diretamente ao Ministro do Estado.

O CNEPA foi reorganizado em 1943, pelo Decreto-Lei 6.155, de 30 de dezembro. Nascia a Universidade Rural, abrangendo na época a Escola Nacional de Agronomia, a Escola Nacional de Veterinária, Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização, Cursos de Extensão, Serviço Escolar e Serviço de Desportos. Com os Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização iniciava-se um programa de treinamento pós-graduado para áreas específicas dos currículos de Agronomia e Veterinária. Um ano depois, o novo regimento do CNEPA, aprovado pelo Decreto-

Lei 16.787, unificou os novos cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão, além de criar o Conselho Universitário, à semelhança do hoje existente.

A Universidade, além de consolidar os novos cursos e serviços criados, tomava as providências para, em 1948, transferir o seu campus para as margens da Antiga Rodovia Rio São Paulo, hoje BR-465. O ano de 1961 trouxe um novo Decreto, o de número 50.113, que, mais uma vez, alterou o regimento do CNEPA – a Universidade ganhou um novo órgão, a Escola Agrícola, então com denominação de Escola Agrotécnica Ildefonso Simões Lopes. Somente em 1963, pelo Decreto 1.984, a Universidade Rural passou a denominar-se Universidade Federal Rural do Brasil, envolvendo a Escola Nacional de Agronomia, a Escola Nacional de Veterinária, as Escolas de Engenharia Florestal, Educação Técnica e Educação Familiar, além dos cursos técnicos de nível médio dos Colégios Técnicos de Economia Doméstica e Agrícola “Ildefonso Simões Lopes”.

A atual denominação – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – veio com a Lei 4.759, de 1965. A UFRRJ, uma autarquia desde 1968, passou a atuar com uma estrutura mais flexível e dinâmica para acompanhar a Reforma Universitária que se implantava no País. Com a aprovação de seu Estatuto, em 1970, a Universidade vem ampliando suas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão, tendo, em 1972, iniciado o sistema de cursos em regime de créditos.

No ano de 2008, a UFRRJ nomeia a Direção e as Coordenações de Curso da Unidade Acadêmica Três Rios, separando a Administração da Unidade do Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu (IM). No mesmo ano são contratados novos professores para atuarem exclusivamente na Unidade. Ocorre também em 2008 o primeiro vestibular para o curso de Direito da Unidade. A criação das Coordenações contribuiu para que o curso de Administração pudesse ser pensado de maneira mais estratégica nesta Unidade.

Aos 8 de novembro de 2009, a Unidade Acadêmica de Três Rios é convertida em Instituto Três Rios - ITR, que passa a ter voz e voto em todas as instâncias da UFRRJ, com a criação de 3 departamentos, a saber: Departamento de Ciências Administrativas e do Ambiente (DCAA), Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais (DCJS) e o Departamento de Ciências Econômicas e Exatas (DECEEX).

A partir de 2010, passam a funcionar no ITR além dos cursos de Administração, Ciências Econômicas e Direito, o curso de Gestão Ambiental, primeiro e único curso na instância da UFRRJ e o único a ser ofertado por instituição pública no Estado do Rio de Janeiro. É concebido com caráter multidisciplinar, visto sua interface com as questões econômicas, gerenciais e sociais, o que é refletido na matriz curricular do curso em tela. Outra peculiaridade é a o atendimento as exigências em termos de requisitos nacionais e internacionais, definindo um perfil de egresso ajustado as demandas nacionais e externas, de forma a formar

profissionais com capacidade de articulação, negociação e operacionalização das organizações que venham a desenvolver trabalhos de ordem ambiental, tanto em termos de organizações públicas, privadas, não governamentais e de terceiro setor, de forma pró-ativa e preventiva estabelecendo pilares de ações de responsabilidade sócio-ambiental.

3 DESCRIÇÃO GERAL DO CURSO

Face à nova realidade global e a demanda, cada vez mais acelerada, por soluções para as questões ambientais emergentes, o ensino da Gestão Ambiental tem se tornado cada vez mais necessário e prioritário para a sobrevivência dos sistemas ambientais e mesmo do sistema político e econômico, dada a necessidade de revisão das práticas de gestão ambiental, do estabelecimento de políticas socialmente responsáveis, da definição de metas de preservação e conservação do meio ambiente.

A redução das distâncias entre as nações, empresas e demais organizações exige profissionais diferenciados, que tenham como características: dinamismo, interdisciplinaridade, interface com as práticas organizacionais e da sociedade, sintonia com o mercado e novas tecnologias, capacidade de negociação e articulação, busca contínua da revisão dos conhecimentos, capacidade de reestruturação dos sistemas e processos organizacionais além de capacidade de gestão do conhecimento e de seus recursos de forma integrada e sustentável.

Não basta contemplar novas relações de trabalho, novos conhecimentos e avanços da tecnologia, deve o ensino também dotar os novos profissionais de uma sólida base social e formação ética comprometida com a relação sociedade-meio ambiente. Tal processo não deve ser puramente teórico, devendo observar recursos complementares, estudo de situações e de simulações da realidade, realizados através de estudos de casos, visitas técnicas, elaboração de relatórios, dinâmicas de grupo, dentre outros recursos pedagógicos que favoreçam a melhor formação do egresso. Partindo deste viés, o estudante de Gestão Ambiental deve adquirir uma formação teórica e humanística agregada à habilidade numérica, à exatidão de conceitos, à sociabilidade, ao desembaraço e iniciativa e à capacidade de liderança. Deve ser alguém capaz de compreender a complexidade envolvida na temática ambiental para propor soluções para a gestão da base material necessária à sobrevivência humana no planeta.

3.1 Acesso, Organização, Funcionamento e Gestão.

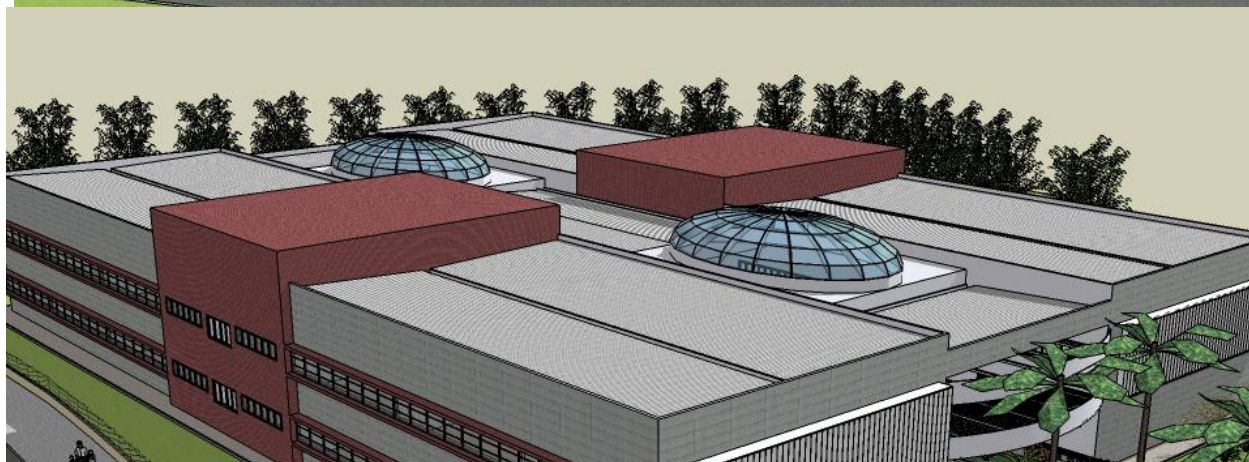
O acesso ao Curso de Graduação em Gestão Ambiental da UFRRJ ocorrerá através do exame promovido pela UFRRJ em conformidade com as regras estabelecidas pelo Ministério da Educação, adotando-se como mecanismo único o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

Serão disponibilizadas anualmente 40 vagas (uma única entrada anual no primeiro semestre), via ENEM. Periodicamente serão disponibilizadas vagas para reopção, transferência interna, externa e reingresso de acordo com a disponibilidade informada pelas coordenações ao Decanato de Ensino de Graduação (DEG). O acesso fora do vestibular atende a

regulamentação própria do DEG. Cabe destacar que nos 2 (dois) primeiros anos de funcionamento do Curso de Gestão Ambiental, não serão disponibilizadas vagas para reopção, transferência interna, externa e reingresso, por força da fase de implantação no novo curso no ITR que, no período, promoverá a organização de seus espaços nas definitivas instalações na cidade de Três Rios.

O Curso de Graduação em Gestão Ambiental funcionará em regime integral. Terá duração de, no mínimo 4 anos, e no máximo 7 anos. Possui uma carga horária total de 4220 horas (delineada no item 6 deste projeto). No primeiro ano o Curso de Gestão Ambiental funcionará no Instituto Três Rios da UFRRJ, na cidade de Três Rios, em instalações alugadas, aguardando a sede definitiva (em construção), que contará com aproximadamente 22 salas de aula, 04 laboratórios de informática, uma biblioteca central, um auditório com capacidade para 350 pessoas e 20 salas de orientação e atendimento docente, além de espaço para o funcionamento de empresa júnior, restaurante universitário, central de cópias e cantina. Estima-se em um ano o prazo para conclusão das obras e instalação definitiva da unidade.

Segue abaixo ilustrações artísticas do prédio (Campus da UFRRJ em Três Rios):



s da UFRRJ contará inicialmente com 30 funcionários do corpo técnico-administrativo. O curso de Gestão Ambiental é atendido por um secretário, exclusivamente dedicado a coordenação do curso. Há previsão inicial de um corpo docente integrado por 20 professores, com formação multidisciplinar, incluindo: biólogos, geólogos, geógrafos, sociólogos, cientista sociais, pedagogos, administradores, economistas, engenheiros florestais, engenheiros agrônomos, psicólogos, dentre outros.

3.2 Coordenação e Corpo Docente

A atuação da Coordenação do Curso vai além dos papéis burocráticos. Está orientada para o acompanhamento pedagógico do currículo, sendo o Coordenador elemento mediador das relações discente-docente-instituição.

O diálogo e o desenvolvimento do trabalho conjunto só poderão ser alcançados se existir o apoio e o acompanhamento pedagógico da coordenação. Esse processo é resultado do esforço conjunto do Colegiado de Curso, que tem por finalidade rever, periodicamente, as ações de cunho pedagógico desempenhadas pelos docentes, além de articular ações que aproximem a sociedade da Universidade, em especial, do presente curso.

A coordenação deve ainda ser responsável pela avaliação do curso e acompanhamento do processo ensino-aprendizagem, mediante a articulação da Coordenação de Curso e o Decanato de Ensino de Graduação, com alinhamento das diretrizes institucionais da UFRRJ e metas definidas pelo Colegiado do Curso.

As estratégias pedagógicas demandam a participação do docentes, como agentes de transformação, integrados ao desenvolvimento do currículo permitindo a interdisciplinaridade, através do diálogo permanente.

Os docentes necessitam desenvolver um papel de instigadores no processo ensino-aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento da consciência crítica dos discentes, buscando orientar e aprimorar as habilidades que o futuro Gestor Ambiental deverá possuir.

Outro aspecto relevante é a importância da assídua participação do docente junto ao processo de ensino-aprendizagem, interagindo com os alunos, assumindo papel de parceiro no desenvolvimento das habilidades e competências necessárias aos Gestores Ambientais.

Esta integração resultará em atividades de ensino e de pesquisa: Projetos de Pesquisa, em especial o PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). O Curso tem por meta fundamental ser uma fonte de informações, articulações de pesquisas e de questionamentos em assuntos que envolvam as questões relacionadas ao meio ambiente, sustentabilidade, biodiversidade, utilização, preservação e conservação dos recursos ambientais. Estes elementos evidenciam que o curso não se restringirá a bases teóricas e exclusivamente de ensino. Deve ter destaque, no trabalho da equipe docente, o desenvolvimento de ações de pesquisa e atividades de extensão, estimulado pelo espaço definido na matriz curricular e pela carga horária para realização de atividades acadêmicas.

4 OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO CURSO

O curso de Gestão Ambiental tem como objetivo geral:

Formação de GESTOR AMBIENTAL com perfil generalista e capacidade crítica, reflexiva, criativa e empreendedora. Habilitado para a gestão dos recursos ambientais necessários à produção nas organizações (públicas, privadas, não governamentais e do terceiro setor) no novo cenário global, preocupado com a questão da responsabilidade sócio-ambiental e a responsividade das organizações para a sustentabilidade dos ecossistemas e das operações produtivas, dos negócios e econômicas.

A formação em Gestão Ambiental tem ainda como objetivos específicos:

- Proporcionar um amplo conhecimento do cenário econômico, político e social do Brasil e do mundo;
 - Aprimorar a capacidade perceptiva para identificar e diagnosticar problemas organizacionais e propor soluções;
 - Ampliar o espírito científico, priorizando pesquisas que estimule os futuros gestores a pesquisar sobre temas relacionados ao meio ambiente e a gestão;
 - Desenvolver habilidades de liderança e a capacidade de trabalhar em equipe e gerenciar projetos;
 - Estimular o raciocínio lógico-quantitativo sem perder o foco na formação humana com propósito de práticas responsáveis;
 - Capacitar o futuro profissional para a análise e reflexão de novos processos científicos de gestão ambiental, por meio de estímulos à pesquisa, extensão, pós-graduação e educação continuada;
 - Incentivar a criatividade e à inovação face às necessidades da sociedade, do mercado e das organizações;
 - Pesquisar ações de empreendedorismo e mecanismos que contemplem a preservação e conservação do meio ambiente;

- Promover estudos de práticas empresariais e organizacionais que valorizem ações de responsabilidade social e de sustentabilidade de suas operações;
- Incitar estudos de práticas de sustentabilidade que convirjam em ações governamentais, de organizações do terceiro setor e de ações individuais e coletivas que busque a melhor utilização dos recursos ambientais e econômicos;
- Habilitar os futuros profissionais em temas transversais à questão ambiental, como a economia, a administração de empresas, a diversidade da sociedade e sua pluralidade, a gestão pública, as inovações tecnológicas e científicas, dentre outras;
- Aperfeiçoar a capacidade de negociação, articulação, política e de motivação sobre os agentes envolvidos com as questões ambientais;
- Contribuir para a compreensão da complexidade e diversidade sócio-cultural e as interações entre indivíduos e organizações para agir de maneira adequada e justa no atendimento das necessidades dos diferentes públicos (*stakeholders*) relacionados aos diferentes tipos de organizações.

5. HABILIDADES E COMPETÊNCIAS

A formação do gestor ambiental tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes habilidades e competências:

- **Tomada de decisão:** o trabalho do Gestor Ambiental deve estar fundamentado na capacidade de tomar decisões visando o uso apropriado, das técnicas de gestão para a melhor relação eficiência-eficácia. Para este fim, os Gestores Ambientais devem possuir competências para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, com base científica, técnica e humanista;
- **Comunicação:** tendo em vista a temática da globalização, o Gestor Ambiental deve desenvolver tal habilidade. A comunicação envolve os aspectos verbais e não-verbais (escrita e leitura). Torna-se importante também o domínio de línguas estrangeiras e de tecnologias de comunicação e informação;
- **Liderança:** O Gestor Ambiental deverá estar aptos a assumir posições de liderança. Liderar envolve compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento eficiente e eficaz. Contudo, liderar deve ser visto como um esforço coletivo organizado, legitimado e consciente;
- **Iniciativa:** O egresso do curso de Gestão Ambiental deve ser pró-ativo e capaz de se antecipar aos movimentos do mercado, buscando, através de ferramentas estratégicas, analisar os cenários (nacionais e internacionais) para identificação dos movimentos adequados para o sucesso das estratégias de gestão ambiental;
- **Educação permanente:** O Gestor Ambiental deve ser capaz de perceber as mudanças no cenário global e gerenciar a própria carreira, em termos de formação profissional permanente buscando cursos de aperfeiçoamento profissional e pós-graduação.
- **Empreendedora:** O futuro gestor ambiental deve ter a capacidade de perceber lacunas do mercado e das organizações, de forma a criar produtos, serviços, processos, tecnologias, dentre outras para aprimorar ou aperfeiçoar as práticas das organizações e estabelecer novos procedimentos para a boa gestão das organizações;

- **Científica:** além de sólido embasamento teórico, este profissional deve promover reiterado questionamento em relação ao *status quo* das organizações e da sociedade, estimulando a necessária revisão de paradigmas estabelecidos, com atualização dos conhecimentos, o que deve ser direcionado pelas pesquisas desenvolvidas no transcorrer do curso.
- **Negociação:** O Gestor Ambiental é um profissional, cuja meta prioritária será a comunicação e o entendimento com outros profissionais da área ambiental, como geólogos, arquitetos, químicos, biólogos, engenheiros, economistas, oceanógrafos, sociólogos, dentre outros. Sua capacidade e habilidade de interação e de articulação com estes profissionais revelam-se fundamentais, sendo atualmente, características valorizadas pelas organizações públicas e privadas, carentes desta habilidade;
- **Ética:** O Gestor Ambiental deve ser comprometido com a construção de uma sociedade mais justa, refletindo sobre a questão da distribuição ecológica, respeitando a diversidade cultural e trazendo na base da sua formação a ecologia política, que trata da questão dos conflitos ecológicos distributivos.

6. ESTRUTURA CURRICULAR

O Currículo do curso possui uma carga horária total de 4280 horas, divididas em 244 créditos (15 horas cada – totalizando 3660 horas de disciplinas obrigatórias e optativas), 120 horas de Atividades Acadêmicas em Gestão Ambiental, 200 horas de Atividades Acadêmicas Complementares (Deliberação 078/2007 do CEPE – Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da UFRRJ) e 300 horas de Estágio Supervisionado.

O curso de Gestão Ambiental foi didaticamente dividido em núcleos de formação de acordo com a proximidade dos temas para facilitar o diálogo entre as disciplinas.

- **ENGENHARIAS, EXATAS E DA TERRA.**
- **BIOLÓGICAS**
- **ESTUDOS ORGANIZACIONAIS**
- **JURÍDICAS E SOCIAIS**
- **MULTIDISCIPLINAR**
- **OPTATIVAS**

ENGENHARIAS, EXATAS E DA TERRA	Nº Créditos
Avaliação de Impactos Ambientais	4
Gestão de Recursos Hídricos I	4
Gestão de Recursos Hídricos II	4
Cálculo	4
Estatística Básica	4
Geologia Geral	4
Geotecnologias aplicadas a Gestão Ambiental	4
Gestão de Áreas Protegidas	4
Gestão de Resíduos Sólidos	4
Gestão de Riscos Ambientais	4
Introdução às Ciências Atmosféricas	4
Oceanografia Geral	4
Pedologia	4
Planejamento Territorial	4
Política, Legislação e Administração Florestal	4
Política Energética e Meio Ambiente	4
Poluição Atmosférica	4
Química Geral	4
Recuperação de Áreas Degradadas	4
Sistema de Tratamento de Águas e Resíduos	4
20 disciplinas	80 CRÉDITOS

BIOLÓGICAS	N° Créditos
Bioquímica Geral	4
Botânica Geral I	4
Botânica Geral II	4
Ecologia Geral	4
Gestão da Biodiversidade	4
Microbiologia Geral	4
Zoologia Geral I	4
Zoologia Geral II	4
7 disciplinas	32 CRÉDITOS

ESTUDOS ORGANIZACIONAIS	N° Créditos
Elaboração e Análise de Projetos	4
Finanças I	4
Finanças II	4
Finanças III	4
Fundamentos de Economia	4
Fundamentos de Gestão	4
Gestão da Qualidade e Certificações	4
Gestão de Marketing	4
Gestão de Operações	4
Gestão de Pessoas I	4
Gestão de Pessoas II	4
Gestão Estratégica e Competitividade	4
Psicologia Organizacional	4
13 disciplinas	52 CRÉDITOS

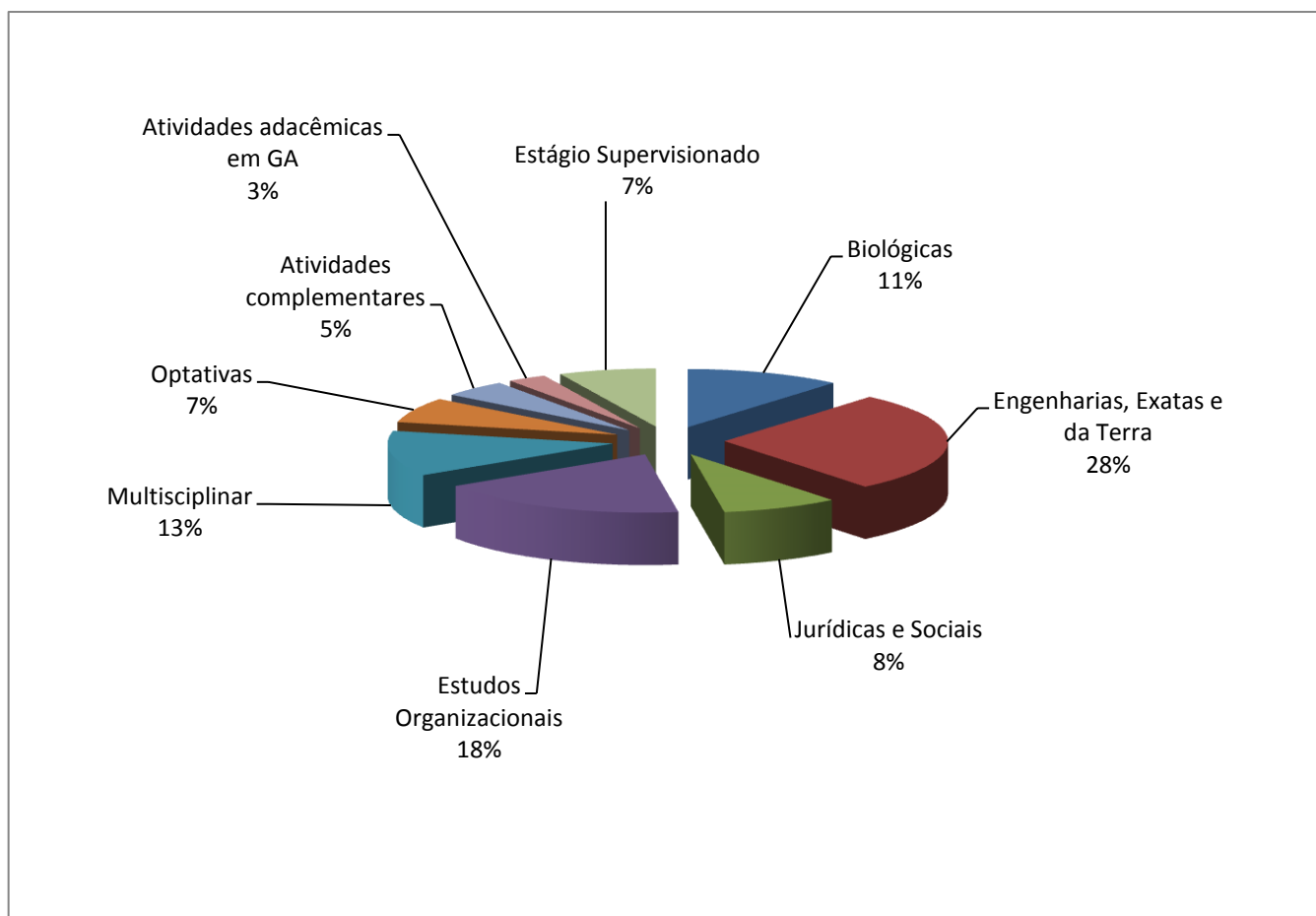
JURIDICAS E SOCIAIS	N° Créditos
Direito Ambiental I	4
Direito Ambiental II	4
Direito Ambiental III	4
Introdução às Ciências Sociais	4
Metodologia Científica	4
Sociedade e Natureza	4
6 disciplinas	24 CRÉDITOS

MULTIDISCIPLINAR	N° Créditos
Auditoria Ambiental	4
Economia do Meio Ambiente	4
Educação Ambiental	4
Gestão Pública e Meio Ambiente	4
Licenciamento Ambiental	4
Marketing Ambiental	4
Perícia Ambiental	4
Responsabilidade Socioambiental	4
Tópicos Especiais em Gestão Ambiental	4
9 disciplinas	36 CRÉDITOS

OPTATIVAS	N° Créditos
OPTATIVA I	4
OPTATIVA II	4
OPTATIVA III	4
OPTATIVA IV	4
OPTATIVA V	4
5 disciplinas	20 CRÉDITOS

RELAÇÃO DE OPTATIVAS	Ccréditos	Pré-requisito
Comportamento Ético nas Organizações	4	-
Dinâmica de Grupo	2	-
Empreendedorismo	4	-
Gestão de Marcas	4	-
Introdução à Segurança no Trabalho	4	-
Mercado Financeiro	4	-
Negociação	4	-
Orçamento Público	4	-
Psicologia das Relações Humanas	2	-
Tópicos especiais em Gestão de Pessoas	4	-
Sensoriamento remoto aplicado ao estudo de ecossistemas e biomas	4	-
Agroecologia	4	-
Projetos em educação ambiental	4	-
Etnoconservação	4	-
Biogeografia	4	-

O gráfico abaixo permite a visualização geral da matriz curricular:



6.1 Matriz Curricular do Curso de Gestão Ambiental

CURSO DE GESTÃO AMBIENTAL – ITR

1º. PERÍODO

Disciplina	Crédito	Teórico - Prático	Carga Horária	Pré – Requisito
Botânica Geral I	04	04	60	-
Cálculo	04	04	60	-
Direito Ambiental I	04	04	60	-
Fundamentos de Gestão	04	04	60	-
Geologia Geral	04	04	60	-
Introdução as Ciências Sociais	04	04	60	-
Química Geral	04	04	60	-
Zoologia Geral I	04	04	60	-
Atividade Acadêmica em Gestão Ambiental I	00	00	40	
SUBTOTAL DE CREDITOS	32	32	520	

2º. PERÍODO

Disciplina	Crédito	Teórico - Prático	Carga Horária	Pré – Requisito
Bioquímica Geral	04	04	60	-
Botânica Geral II	04	04	60	-
Direito Ambiental II	04	04	60	-
Estatística Básica	04	04	60	-
Zoologia Geral II	04	04	60	-
Fundamentos de Economia	04	04	60	-
Introdução às Ciências Atmosféricas	04	04	60	-
Metodologia Científica	04	04	60	-
Atividade Acadêmica em Gestão Ambiental II	00	00	40	-
SUBTOTAL DE CREDITOS	32	32	520	

3º. PERÍODO

Disciplina	Crédito	Teórico - Prático	Carga Horária	Pré – Requisito
Direito Ambiental III	04	04	60	-
Ecologia Geral	04	04	60	-
Economia do Meio Ambiente	04	04	60	-
Finanças I	04	04	60	-
Geotecnologias Aplicadas a Gestão Ambiental	04	04	60	-
Microbiologia Geral	04	04	60	-
Pedologia	04	04	60	-
Psicologia Organizacional	04	04	60	-
Atividade Acadêmica em Gestão Ambiental III	00	00	40	-
SUBTOTAL DE CREDITOS	32	32	520	

4º. PERÍODO

Disciplina	Crédito	Teórico - Prático	Carga Horária	Pré – Requisito
Finanças II	04	04	60	-
Sociedade e Natureza	04	04	60	-
Gestão de Pessoas I	04	04	60	-
Gestão Pública e Meio Ambiente	04	04	60	-
Oceanografia Geral	04	04	60	-
Planejamento Territorial	04	04	60	-
Poluição Atmosférica	04	04	60	-
OPTATIVA	04	04	60	-
Estágio Supervisionado I	00	00	60	-
SUBTOTAL DE CREDITOS	32	32	540	

5º. PERÍODO

Disciplina	Crédito	Teórico - Prático	Carga Horária	Pré – Requisito
Avaliação de Impactos Ambientais	04	04	60	-
Gestão de Recursos Hídricos I	04	04	60	-
Gestão da Biodiversidade	04	04	60	-
Finanças III	04	04	60	-
Gestão de Pessoas II	04	04	60	-
Gestão de Resíduos Sólidos	04	04	60	-
Política, Legislação e Administração Florestal	04	04	60	-
OPTATIVA	04	04	60	-
Estágio Supervisionado II	00	00	60	-
SUBTOTAL DE CREDITOS	32	32	540	

6º. PERÍODO

Disciplina	Crédito	Teórico - Prático	Carga Horária	Pré – Requisito
Educação Ambiental	04	04	60	-
Gestão de Recursos Hídricos II	04	04	60	-
Gestão de Riscos Ambientais	04	04	60	-
Licenciamento Ambiental	04	04	60	-
Gestão de Marketing	04	04	60	-
Gestão de Operações	04	04	60	-
Sistema de Tratamento de Águas e de Resíduos	04	04	60	-
OPTATIVA	04	04	60	-
Estágio Supervisionado III	00	00	60	-
SUBTOTAL DE CREDITOS	32	32	540	

7º. PERÍODO

Disciplina	Crédito	Teórico - Prático	Carga Horária	Pré – Requisito
Gestão da Qualidade e Certificações	04	04	60	-
Gestão de Áreas Protegidas	04	04	60	-
Marketing Ambiental	04	04	60	-
Gestão Estratégica e Competitividade	04	04	60	-
Recuperação de Áreas Degradadas	04	04	60	-
Responsabilidade Sócio-Ambiental	04	04	60	-
OPTATIVA	04	04	60	-
Estágio Supervisionado IV	00	00	60	-
SUBTOTAL DE CREDITOS	28	28	480	

8º. PERÍODO

Disciplina	Crédito	Teórico - Prático	Carga Horária	Pré – Requisito
Auditoria Ambiental	04	04	60	-
Elaboração e Gestão de Projetos	04	04	60	-
Perícia Ambiental	04	04	60	-
Política Energética e Meio Ambiente	04	04	60	-
Tópicos Especiais em Gestão Ambiental	04	04	60	-
OPTATIVA	04	04	60	-
Estágio Supervisionado V	00	00	60	-
SUBTOTAL DE CREDITOS	24	24	420	

DISCIPLINAS OPTATIVAS

Disciplina	Crédito	Teórico - Prático	Carga Horária	Pré – Requisito
Agroecologia	04	04	60	-
Etnoconservação	04	04	60	-
Projetos em educação ambiental	04	04	60	-
Biogeografia	04	04	60	-
Sensoriamento remoto aplicado ao estudo de ecossistemas e biomas	04	04	60	-
Comportamento Ético nas Organizações	04	04	60	-
Dinâmica de Grupo	02	02	30	-
Gestão de Marcas	04	04	60	-
Empreendedorismo	04	04	60	-
Introdução à Segurança no Trabalho	04	04	60	-
Mercado Financeiro	04	04	60	-
Negociação	04	04	60	-
Orçamento Público	04	04	60	-
Psicologia das Relações Humanas	02	02	30	-
Tópicos Especiais em Gestão de Pessoas	04	04	60	-

6.2 Atividades Complementares em Gestão Ambiental

A integração entre ensino e extensão está inserida nas Atividades Complementares, que representam elementos enriquecedores do perfil do Gestor Ambiental. Elas são constituídas por atividades que contribuam para o enriquecimento do sujeito, sua prática profissional e formação humana. Assim, cursos de extensão, feiras, seminários, semanas acadêmicas, visitas técnicas etc. constituirão uma excelente base para Atividades Complementares. O registro das atividades complementares deve ser feito pela coordenação do curso atendendo a deliberação própria do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão – CEPE.

6.3 Atividades Acadêmicas em Gestão Ambiental

Os alunos do curso de Gestão Ambiental contam com as Atividades Acadêmicas em Gestão Ambiental, que são atividades orientadas por docentes onde os estudantes devem, em sala de aula, e/ou fora, desenvolver habilidades e competências que articulem os conhecimentos adquiridos ao longo dos períodos e proporcione vivência e interação com o mercado, novas tecnologias e relações sociais em geral. Estas atividades integram a carga horária obrigatória do curso e podem ser visualizadas na matriz curricular.

6.4 Estágio Supervisionado em Gestão Ambiental - ESGA

O Estágio Supervisionado, em sua totalidade, deverá ser realizado em organizações que possibilitem confrontar a teoria com a prática, sendo estabelecido através de uma regulamentação própria da Universidade. Cabe destacar o papel do Decanato de Extensão, que tem sob sua alçada a responsabilidade do gerenciamento de convênios para a oferta de estágios para os alunos da Universidade.

Será estimulado, através de ações desenvolvidas pela Coordenação do Curso, que os alunos busquem estágios em organizações públicas, privadas, não governamentais, do terceiro setor dentre outros. Nesta perspectiva, também haverá estímulo para que os discentes percebam que a questão ambiental também é uma oportunidade de negócios, dado o limitado número de empresas que atuam no segmento de estudos ambientais, cabendo o estímulo à criação de organizações com tal finalidade, aprimorando o espírito empreendedor, com suporte técnico, humano e científico.

O aluno deve ser acompanhado por um professor orientador de estágio que avaliará a relação entre as atividades desempenhadas pelo discente no estágio e a habilidade requerida para a formação do futuro Gestor Ambiental.

7. SISTEMA DE AVALIAÇÃO

7.1 Sistema de Avaliação do Curso

A avaliação curricular deve ser sistemática, com utilização de ferramentas que possibilitem a melhoria e a proposição de novas políticas e práticas para o processo ensino-aprendizagem. A avaliação do Projeto deve nortear futuras tomadas de decisão no que diz respeito às ementas, ao conteúdo programático de disciplinas, bibliografia e metodologia de avaliação disciplinar. Além disso, a avaliação deve refletir-se nas atividades complementares, e demais atividades acadêmicas. O processo de avaliação do curso deve ser desenvolvido pelo Colegiado do Curso.

A UFRRJ dispõe do processo de avaliação institucional que é empreendido através de metodologia própria, dirigido pelo Decano de Ensino de Graduação – DEG.

7.2 Sistema de Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem

A avaliação é um processo constante na vida das pessoas. Avaliar é algo complexo, pois inclui a emissão de juízos de valor e a tomada de decisões. É importante mencionar que a literatura especializada leciona que os indivíduos aprendem de forma diferente, razão pela qual deve existir uma forma de aprendizagem mais favorável para cada sujeito. Pode-se levar este raciocínio para as atividades de avaliação. O que torna o processo ainda mais complexo.

Com o objetivo de acompanhar o discente em todo o processo ensino-aprendizagem, o docente deve utilizar a avaliação como algo contínuo, descritivo e compreensivo.

O professor deve utilizar o sistema de avaliação como ferramenta para a obtenção de um diagnóstico que possibilite a verificação dos objetivos educacionais. Logo, o professor do curso de Gestão Ambiental do ITR/UFRRJ, deve estabelecer diferentes formas de avaliação – levando em consideração as experiências anteriores do estudante, seu domínio sobre o tema e seu nível de maturidade.

Através do prévio conhecimento das causas dos problemas, por intermédio das avaliações, deverá o docente adequar suas metodologias de ensino aos objetivos propostos pela disciplina.

Para fins de documentação e objetivação do processo de avaliação, as disciplinas devem possuir ao menos uma avaliação escrita, ficando as demais, quando necessárias, a cargo de cada docente.

As médias e pesos das avaliações são atribuídos pelos docentes em função das características de cada disciplina.

O Coeficiente de Rendimento (CR), o sistema de aprovação, os conceitos e demais questões sobre o rendimento escolar devem estar de acordo com a Deliberação 30, do CEPE – Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão, de 05 de maio de 2008.

As avaliações escritas devem permanecer arquivadas no Departamento de origem da disciplina no ITR, de acordo com regulamentação própria da Universidade.

**PROGRAMAS DAS
DISCIPLINAS DO CURSO DE
GESTÃO AMBIENTAL**

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL

EMENTA

Fundamentos de Educação Ambiental (EA) como área de conhecimento teórico, científico-metodológico e sua relação com as sociedades humanas

CONTEÚDO

Lei 9795 (Lei da Educação Ambiental); As vertentes existentes de Educação Ambiental; Educação Ambiental Formal; Educação Ambiental Não-Formal e Informal; Educação Ambiental Crítica; Emancipação; Complexidade; Diagnóstico Socioambiental; Atores sociais, problemas e conflitos ambientais; Educação Ambiental no processo de gestão.

AVALIAÇÃO

As avaliações serão feitas ao longo do Curso, considerando-se avaliações dos conteúdos práticos e teóricos, participações nos debates, realização das atividades propostas: trabalhos individuais, em grupo e apresentação dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

Ferraro, L. A. Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília, MMA, 2005.

IBAMA. Como o IBAMA exerce a educação ambiental. Brasília. Edições Ibama, 2005.

Layrargues, P. P. Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília, MMA. 2004.

Lopes, A. F.; Santos, L. M. F. & Ferreira, D. Educação Ambiental. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2006

Loureiro, C. F. B. Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. São Paulo, Cortez. 2006.

Loureiro, C. F. B. Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental. São Paulo, Cortez, 2006.

Quintas, J. S. Introdução a Educação no processo de gestão ambiental, Ibama, 2005.

Sato, M. Educação Ambiental. São Carlos Rima. 2002.

Thiollent, M. A metodologia da pesquisa-ação. São Paulo, Cortez, 2002.

www.mec.gov.br

www.mma.gov.br

DISCIPLINA: ECOLOGIA GERAL

EMENTA

Ecosistema. Energia nos sistemas ecológicos. Biogeoquímicos. Fatores limitantes. Populações. Comunidades. Desenvolvimento do ecossistema. Principais tipos de ecossistemas naturais. O homem e a natureza

CONTEÚDO

Histórico; principais linhas de estudo relação com outras ciências; níveis de organização; Biomas. Ecossistemas: conceito, principais sistemas terrestres e aquáticos; Condições físicas dos ecossistemas, disponibilidade de recursos e fatores limitantes. Elementos do meio físico e Lei do mínimo de Liebig.; Produtividade primária. Energia nos sistemas ecológicos; Ciclos biogeoquímicos; Conceitos básicos em ecologia: habitat, espécie, população, comunidades, assembléias, guildas, nicho ecológico.; Ecologia de populações. Conceitos básicos e propriedades. Taxas de natalidade, mortalidade, recrutamento, curvas de crescimento.; História de vida e tabelas de vida de coorte e estática; Interações intra e inter-específicas.; Ecologia de comunidades. Teias tróficas. Sucessão ecológica. O conceito de clímax. Estrategistas *K* e *r* no desenvolvimento da comunidade.; Atributos da estrutura da comunidade (abundância, densidade, riqueza, diversidade, equidade, classe etária, tamanho, biomassa) e métodos de mensuração.; Metodologias, desenhos experimentais e estatísticas básicas aplicadas em estudos em ecologia; Distúrbios naturais e antrópicos. Biodiversidade e Biologia da conservação.

AVALIAÇÃO

Prova teórica. Estudos dirigidos. Apresentação de Seminários. Avaliação da disciplina, pelos alunos, através de questionários.

BIBLIOGRAFIA

- Begon, M.; Harper, J. L. & Townsend, C. R. 1996. Ecologia. Individuos, poblaciones y comunidades. 1148p.
- Begon, M.; Townsend, C. R & Harper, J. L. 2007. Ecologia. De indivíduos a ecossistemas. 4 ed. Editora Artmed. 740p.
- Esteves, F. A. 1988. Fundamentos de Limnologia. Interciência: FINEP, Rio de Janeiro. 572p.
- Krebs, C. J. 1994. Ecology. The experimental analysis of distribution and abundance. Fourth edition. Harper Collins. New York. 801p.
- Miller Jr., G.T. 2007. Ciência Ambiental. Ed. Thomson Learning. 501p. + suplementos.
- Odum, E. P. & Barrett, G. W. 2007. Fundamentos de Ecologia. 612p.
- Pianka, E. R. 1982. Ecología evolutiva. Universidad de Texas, Austin. Ediciones Omega, S. A. 365p.
- Primack, R. B. & Rodrigues, E. 2001. Biologia da conservação. Londrina. 328p.
- Ricklefs, R. E. 1990. Ecology. 3 ed. W.H. Freeman and Company, New York. 896p
- Ricklefs, R. E. 1996. A Economia da Natureza. Terceira edição. Ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 470p.
- Rizzini, C. T. 1997. Tratado de fitogeografia do Brasil. 2^a ed. Âmbito Cultural Edições Ltda., Rio de Janeiro. (disponível na biblioteca UFC).
- Townsend, C. R., Begon, M. & Harper, J. L. 2006. Fundamentos em Ecologia. 2 ed. Editora Artimed, Porto Alegre. 592p.

DISCIPLINA: GESTÃO DE RISCOS AMBIENTAIS

EMENTA

Diretrizes para avaliação do risco ecológico através de diferentes métodos e níveis. Análise e avaliação de risco sócio-ambiental.

CONTEÚDO

Fundamentos de análise de risco; Risco e perigo; Riscos da operação normal; Riscos de acidentes de trabalho e de processo; Gerenciamento de risco; Análise de riscos; Análise de operabilidade e perigo; Análise qualitativa de riscos; Análise quantitativa de riscos: Identificação de perigos, cálculo de frequências de eventos iniciadores, frequência dos cenários de acidente, avaliação de danos, cálculo dos riscos; Riscos individuais e sociais; Taxas de acidentes fatais; Programas de prevenção de riscos, auditorias de segurança; Análise preliminar de perigo. Diferenciação entre análise de risco tecnológico e de risco ambiental. Avaliação econômica de danos ambientais.

AVALIAÇÃO

Estudos dirigidos e produção de um estudo de caso de análise de risco

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. Congresso Nacional. Lei 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional de Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasília, DF.
- BRILHANTE, Ogenis Magno; CALDAS, Luiz Querino de A (Coord.). Gestão e avaliação de risco em saúde ambiental. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 1999.
- FREITAS, C. M. A contribuição dos estudos de percepção de riscos na avaliação e no gerenciamento de riscos relacionados aos resíduos perigosos. In: SISSINO, C. L. S.; OLIVEIRA, R. M. (org.). Resíduos Sólidos, Ambiente e Saúde: uma visão multidisciplinar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p.111-128.
- FREITAS, C. M.; PORTO, M. F. S.; MACHADO, J. M. H. Acidentes industriais ampliados. Desafios e perspectivas para o controle e prevenção. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000.
- GUIVANT, J. (1997) Heterogeneidade de conhecimentos no desenvolvimento rural sustentável. *Cadernos de ciência e tecnologia* (EMBRAPA/Brasília). V. 14(3): 411-448.
- HERCULANO, S.; PORTO, M. F. S.; FREITAS, C. M. (org.). Qualidade de vida & riscos ambientais. Niterói, RJ: EdUFF, 2000.
- KREPS, G.A. Disaster and the social order. *Sociology Theory*, v.3, n.1, p.49-64, 1985.
- LIEBER, R.R. Risco e precaução no desastre tecnológico. *Cadernos Saúde Coletiva*, v.XIII, n.1, p. 67-84, jan./mar. 2005.
- LIEBER, R.R. Risco, incerteza e as possibilidades de ação na saúde ambiental. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v.6, n.2, p.121-134, 2003.
- LIEBER, R.R.; ROMANO-LIEBER, N.S. O conceito de risco: Janus reinventado. In: MINAYO, M.C.S.; MIRANDA, A.C. Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; Abrasco, 2002. p.69-111.
- PERES, F.; MOREIRA, J. C. (org.). É veneno ou é remédio? Agrotóxicos, saúde e ambiente. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- PORTO, M. F. S. Uma Ecologia Política dos Riscos: princípios para integrarmos o local e o global na promoção da saúde e da justiça ambiental. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

DISCIPLINA: OCEANOGRAFIA

EMENTA

Estudo do meio marinho. Noções de geologia e geografia marinhas. Características físico-químicas e movimentos do mar. Estudo dos seres vivos: plâncton, necton e bentos. Classificações e adaptações.

CONTEÚDO

Histórico da Oceanografia. Estrutura da Terra, tectônica de placas e origem dos oceanos. Topografia dos oceanos. Sedimentos marinhos. Características físico-químicas da água do mar. Dinâmica dos oceanos. A natureza dos oceanos e a distribuição dos organismos marinhos. Introdução ao estudo do plâncton. Produção primária dos oceanos. Introdução ao estudo do necton. Introdução ao estudo do bentos. Recursos do mar. Poluição no mar.

AValiação

Prova teórica. Estudos dirigidos. Apresentação de Seminários. Avaliação da disciplina, pelos alunos, através de questionários.

BIBLIOGRAFIA

Nybakken, J. W. 2001. *Marine Biology, an Ecological Approach*. 5TH Edition. Benjamin Cummings.
Crespo, R & Soares-Gomes, A. 2002. *Biologia Marinha*. Editora Interciência, Brasil.
Stowe, K. 1983. *Ocean Science*. John Willey & Sons. Thurman. H.V. 1994. *Introductory Oceanography*. Macmillian Publishing Company.

DISCIPLINA: POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA

EMENTA

Fundamentos da poluição do ar e controle de efluentes gasosos: métodos e equipamentos de controle de partículas e gases.

CONTEÚDO

Composição e estrutura da atmosfera; Principais poluentes atmosféricos e seus impactos ambientais; Monitoramento de poluentes atmosféricos: métodos e equipamentos de amostragem; Métodos estatísticos aplicados à identificação de fontes de poluição do ar;

AValiação

Prova teórica. Estudos dirigidos. Apresentação de Seminários. Avaliação da disciplina, pelos alunos, através de questionários.

BIBLIOGRAFIA

Seinfeld, J.H. e Pandis, S.N., Atmospheric Chemistry and Physics – From Air Pollution to Climate Change. John Wiley & Sons, New York, 1998.

Burden, F.R. (ed.), Environmental Monitoring Handbook. McGraw-Hill, New York, 2002.

Sell, N.J., Industrial Pollution Control: Issue and Techniques. John Wiley & Sons, Inc., New York, 1992.

Lora, E.E.S., Prevenção e controle da poluição nos setores energético, industrial e de transporte. Editora Interciência, Rio de Janeiro, 2ª edição, 2002.

Macintyre, A.J., Ventilação Industrial e Controle da Poluição. Editora LTC, 2ª Edição, 1990.

World Bank Group, Pollution Prevention and Abatement Handbook. USA, 1998.

Baird, Colin, Química Ambiental. Bookman, São Paulo, 2002.

Outros artigos indicados ao longo do curso (Química Nova, Atmospheric Environment, Journal of Atmospheric Chemistry, Journal of Atmospheric Science, Geophysical Research Letters).

DISCIPLINA: AVALIAÇÃO DE IMPACTO AMBIENTAL

EMENTA

Fundamentos, princípios, instrumentos e métodos da Avaliação de Impactos Ambientais. Métodos, procedimentos, legislação, aplicação. Importância dos relatórios para decisões de desenvolvimento e de construção de empresas e demais tipos de organizações. Função econômica e social do estudo de impacto ambiental e do relatório de impacto no meio ambiente. EIA / RIMA como instrumento diferencial competitivo e de atração de investimentos.

CONTEÚDO

Histórico da Avaliação de Impacto Ambiental (AIA). Conceitos e Procedimentos de AIA. Estudos de Impacto Ambiental (EIA). RIMA - Relatório de Impacto sobre o Meio Ambiente. Metodologia do Procedimento de AIA. Métodos de Avaliação de Impactos. Procedimentos, Vantagens, Desvantagens e Recomendação para Usos. Matriz de avaliação de impactos. Estudos de Caso.

AVALIAÇÃO

Prova teórica. Estudos dirigidos. Apresentação de Seminários. Avaliação da disciplina, pelos alunos, através de questionários.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SABER, A.N. Base Conceituais e Papel do Conhecimento na Previsão de Impactos. In: MÜLLER, Clarita. Plantenberg e Azis AB' Saber (ORGS). Avaliação de Impactos. 1994. p. 27 - 50.
- BITAR, O. (ORG) O Meio Físico em Estudos de Impacto Ambiental. 25 p. 1990. IPT, Boletim 56.
- BRANCO, S.M. Ecosistêmica: uma abordagem integrada dos problemas do meio ambiente. São Paulo ; Editora Blucher. 1989.
- CHRISTOFOLETTI, A. et al. **Geografia e meio ambiente**. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- JULIEN, B. et al. An Environmental Impact Identification System. Journal de Environmental Management, v.36,p.167-184. 1992.
- MAGLIO, I.C. Questões Verificadas na Aplicação do EPIA/RIMA: A experiência da Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo. In: TAUK ,Sania, Org. Análise ambiental - Uma visão multidisciplinar. Editora UNEPS, 1991. p. 64-70.
- MILARÉ, E. Estudo prévio de impacto ambiental no Brasil. In: PLANTENBERG, Clarita Muller; AB'SABER, Azis (Eds.). Previsão de Impactos. 1994. p. 51-80.
- MORAES, A.C.R. **Meio ambiente e ciências humanas**. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- MORRIS, P. Environmental Impact Assessment. New York: Spon Press, 2001.
- SPALLING, H. - Avaliação dos efeitos cumulativos - conceitos e princípios. Avaliação de Impactos, v.1, n.2, p. 55-68, 1996.
- TAUK, S. M.(Org.). **Análise ambiental - uma visão multidisciplinar**. São Paulo:UNESP/FAPESP, 1991
- TEIXEIRA, M.G. Análise dos Relatórios de Impactos Ambientais de grandes hidrelétricas no Brasil. In:PLANTENBERG, Clarita Müller ; AB'SABER, Aziz (Eds.) Avaliação Impactos, p. 163-187, 1994.
- TOMMASI, L.C. Avaliação de Impacto Ambiental. São Paulo: CETESB. 1994.

DISCIPLINA: LICENCIAMENTO AMBIENTAL

EMENTA

Descrição do sistema ambiental e da abrangência da ação pública no ambiente e nos licenciamentos. O estudo de impacto ambiental. Licença Administrativa. Natureza jurídica do licenciamento. Procedimento administrativo. Princípios norteadores do licenciamento. Etapas do licenciamento. EIA/RIMA. RAIAS. Audiência Pública. Outorga da licença ambiental.

CONTEÚDO

Previsão Legal do Licenciamento; o Licenciamento como instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente; Competência do IBAMA para o Licenciamento da Indústria do petróleo; Tipos de Licença ambiental na Indústria do petróleo; Plano de Emergência Individual; Procedimentos do Licenciamento Indústria do petróleo, nuclear e outras; Principais Tópicos do Termo de Referência; Medidas Mitigadoras/Compensatórias e Projetos Ambientais; Estudos de caso.

AVALIAÇÃO

Prova teórica. Estudos dirigidos. Apresentação de Seminários. Avaliação da disciplina, pelos alunos, através de questionários.

BIBLIOGRAFIA

FIORILLO, Celso Antonio Pacheco. Curso de Direito Ambiental Brasileiro. 3.ed São Paulo 2002.
MACHADO, Paulo Affonso Leme. Direito Ambiental Brasileiro. 3.ed. São Paulo: Editora. Malheiros, 2005.
Constituição Federal de 1988 -Art. 225;
Lei Federal 6.938/81 - Política Nacional do Meio Ambiente;
Lei Federal 9.605/98 – Lei de Crimes Ambientais;
Lei Federal 9.795/99 - Política Nacional de Educação Ambiental;
Lei Federal 9.966/00 – Lei do Óleo;
Lei n° 9.985/00 – Lei do SNUC;
Resoluções CONAMA 001/86, 009/87, 23/94, 237/97, 293/01, 306/02, 350/04

DISCIPLINA: GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS II

EMENTA

O conhecimento de Formas de gestão, organização dos processos e aspectos institucionais; Gerenciamento de Recursos Hídricos no Brasil: Fundamentos, objetivos. Diretrizes e planos da política nacional dos recursos hídricos; Classificação das águas, outorgas e cobrança pela água.

CONTEÚDO

Fundamentos da gestão de recursos hídricos. Uso de águas. Características dos recursos hídricos. Políticas de recursos hídricos. Legislação para uso dos recursos hídricos. Outorga de direito e cobrança pelo uso da água. Instrumentos de gestão de bacias hidrográficas. Modelos de gestão de recursos hídricos. Funcionamento e organizações de comitês. Sistema de fiscalização. Gestão de Conflito. Planos de Bacias Hidrográficas. Enquadramento de corpos de água. Sistemas de monitoramento e de informação. Estudos de caso.

AVALIAÇÃO

Prova teórica. Estudos dirigidos. Apresentação de Seminários. Avaliação da disciplina, pelos alunos, através de questionários.

BIBLIOGRAFIA

- BARTH, F. T. – Aspectos institucionais do gerenciamento de recursos hídricos, São Paulo, Escrituras Editora, 1999.
- BARTH, F. T. et al. Modelos para Gerenciamento de Recursos Hídricos, São Paulo: Nobel: ABRH (Coleção ABRH de Recursos Hídricos, Vol. 1)., 1987.
- FELICIDADE, N.; MARTINS, R. C.; LEME, A.A. Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil. 2ed, RIMA, 2004.
- LANNA, A. E. L. Gerenciamento de bacia hidrográfica: aspectos conceituais e metodológicos. IBAMA, 1995.
- LEAL, M. S. Gestão ambiental dos recursos hídricos: princípios e aplicações. Rio de Janeiro: CPRM, 1998.
- MACHADO, C. J. S. Gestão de águas doces. Rio de Janeiro, Interciência, 2004.
- MARTINS, R. C.; VALENCIANO, N. F. L. Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil II. RIMA, 2003.
- PORTO, R. L. L. (org) Técnicas Quantitativas para o Gerenciamento de Recursos Hídricos, Coleção ABRH, vol. 6, 2002, 420p.
- PRUSKI F. F., Silva D. D. – Gestão de Recursos Hídricos - Aspectos legais, econômicos, administrativos e sociais, ABRH, 2000.
- REBOUÇAS, A. C.; BRAGA, B.; TUNDISI, J. G. Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação. 2ed, São Paulo, Escrituras editora, 2002.
- RIGHETTO, A. M. - Hidrologia e Recursos Hídricos, EESC/USP, 1998: 819p.
- SETTI, A. A. - Introdução ao gerenciamento de recursos hídricos, Brasília, Agência Nacional de Águas, ANA, 2001. Disponível em http://www.ana.gov.br/AcoesAdministrativas/CDOC/biblioteca_CatalogoPublicacoes.asp
- TUCCI, C.E.M. - Hidrologia: Ciência e Aplicação, Porto Alegre, Editora da Universidade - ABRH - EPUSP, 1993 (coleção ABRH de Recursos Hídricos, Vol. 4).

DISCIPLINA: **GESTÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS**

EMENTA

Conceito de resíduos sólidos. Tipos de resíduos, processos de geração e suas características básicas. Sistemas de acondicionamento, estocagem, coleta e transporte. Tipos de tratamento e disposição final. Poluição do solo: tipos e características básicas. Redução, reutilização e reciclagem de resíduos. Legislação aplicável aos resíduos sólidos.

CONTEÚDO

Resíduos sólidos industriais, urbanos e agrícolas: conceitos, classificação, fontes geradoras e impactos ambientais; atividade produtiva e geração de resíduos sólidos; descrição das principais formas de tratamento de resíduos sólidos: tecnologias convencionais e tecnologias limpas; legislações específicas; gerenciamento de resíduos perigosos e NBR 10004/04; resíduos urbanos, industriais e agrícolas: geração e gerenciamento; estratégias de gerenciamento sob a ótica da minimização: não geração, redução, reutilização e reciclagem; disposição final de resíduos: aterros urbanos e aterros para resíduos perigosos; compostagem de resíduos orgânicos.

AValiação

Prova teórica. Estudos dirigidos. Apresentação de Seminários. Avaliação da disciplina, pelos alunos, através de questionários.

BIBLIOGRAFIA

BIDONE, F. R. A. Resíduos sólidos provenientes de coletas especiais: eliminação e valorização. Porto Alegre: ABES, 2001.
D'ALMEIDA, M. L. O.; VILHENA, A. Lixo municipal: manual de gerenciamento integrado. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: IPT, 2000.
PICHAT, P. A gestão dos resíduos. Porto Alegre: Instituto Piaget, 1998.

DISCIPLINA: PEDOLOGIA

EMENTA

Classificação dos solos. Manejo e conservação dos solos. Aplicações de estudos de solos no planejamento. Diferenças de solos e suas tipologias. Impactos do uso e manejo do solo

CONTEÚDO

Composição geral do solo. Perfil de solo: horizontes e camadas. Mineralogia de solos. Fatores de formação de solos. Processos Pedogenéticos. Sistema água-solo. Composição geral do solo: **sólidos (minerais e orgânicos); líquidos e gasosos**. Perfil de solo: horizontes e camadas. **Fundamentos de gênese dos solos: fatores de formação e seus agentes**. **Morfologia dos solos: a macro e a micro-morfologia**. **Propriedades dos solos: Propriedades físicas e químicas**. **Tipos de solos: Distribuição dos solos em diferentes escalas e Classificação dos solos**. Solos e meio ambiente: Sistema água-solo, Manejo e conservação dos solos e aplicações de estudos de solos no planejamento.

AVALIAÇÃO

Prova teórica. Estudos dirigidos. Apresentação de Seminários. Avaliação da disciplina, pelos alunos, através de questionários.

BIBLIOGRAFIA

- EMBRAPA., Manual de métodos de análise do solo. Embrapa Solos. Rio de Janeiro.1997, 212 p.
EMBRAPA., Sistema brasileiro de classificação de solos. Embrapa Solos. Rio de Janeiro.1999, 412p.
LEMONS, R.C. E SANTOS, R.D.,. Manual de descrição e coleta de solo. Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. Campinas. 1996, 84p.
LEPSCH, I.F. Formação e conservação dos solos. Oficina de textos. São Paulo. 2002, 177p.
PALMIERI, F. E LARACH, J.O.I. Pedologia e Geomorfologia. In: Guerra, A.J. e Cunha, S.B. (org.) Geomorfologia e Meio ambiente, Bertrand Brasil, 1996, p. 59-122.
RESENDE, M. E OUTROS. Pedologia: base para distinção de ambientes. NEPUT. Viçosa. 2002, 338 p
BRADY, N.C. Natureza e Propriedades dos Solos. Livraria Freitas Bastos, 1989, 878 p.
CHABOUSSOU, F. Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos. 2a Ed. L&PM. Porto Alegre. 1999, 272p
OLIVEIRA, JOÃO BERTOLDO E OUTROS. Classes Gerais de Solos do Brasil. UNESP-FUNEP, São Paulo. 1994, 201 p.

DISCIPLINA: RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS

EMENTA

Conceitos, definições e processos de formação de áreas degradadas. Manutenção e monitoramento de projetos de controle de erosão e de recuperação de áreas degradadas.

CONTEÚDO

Planejamento de uso e conservação de solo e água para fins de produção agrícola e recuperação ambiental. Erosão hídrica e eólica. Caracterização e diagnóstico de áreas degradadas. Elaboração de Planos e Projetos executivos de Recuperação de Áreas Degradadas. Conceito de bioengenharia e fitoremediação. Práticas mecânicas e vegetativas para o controle da erosão e recuperação de áreas degradadas. Aproveitamento de rejeitos para uso no ordenamento e dissipação do escoamento superficial. Uso de resíduos orgânicos para a produção de mudas, adubação e para uso como cobertura morta. Sucessão ecológica. Seleção de espécies vegetais para revegetação de áreas degradadas.

AVALIAÇÃO

Prova teórica. Estudos dirigidos. Apresentação de Seminários. Avaliação da disciplina, pelos alunos, através de questionários.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, G. H. de S.; ALMEIDA, J. R. de; GUERRA, A. J. T. Gestão Ambiental de Áreas Degradadas.; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOZELLI, R. L. (Org.) ; ESTEVES, F. A. (Org.) ; ROLAND, F. (Org.) . Lago Batata: Impacto e recuperação de um ecossistema amazônico. 1. ed. Rio de Janeiro: SBL/Instituto de Biologia, 2000. 346 p

DISCIPLINA: GESTÃO DE MARKETING

EMENTA

Marketing. Evolução do Marketing. Fundamentos e origens. Composto de Marketing: Preço, Praça, Promoção, Produto e Pessoas. Marketing no Brasil e no mundo. Estudos de casos em marketing. Introdução da aplicação do marketing na gestão ambiental.

CONTEÚDO

Marketing. Conceitos. Fundamentos e origens. Produtos. Novos Produtos. Marcas. Serviços. Canais de distribuição. Marcas. Gestão de Branding. Varejo, atacado e logística. Fundamentos de preço. Objetivos e estratégias de preço. Comunicações integradas de marketing. Propaganda e marketing direto. Venda, promoção e relações públicas.

AVALIAÇÃO

As avaliações serão feitas ao longo do Curso, considerando-se avaliações dos conteúdos práticos e teóricos, participações nos debates, realização das atividades propostas: trabalhos individuais, em grupo e apresentação dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

URDAN, Fabio; URDAN, André. Gestão do composto de marketing. São Paulo. Atlas. 2007.
LAS CASAS, André L. Administração de marketing – conceito, planejamento e aplicação à realidade brasileira. São Paulo. Atlas. 2008.
TYBOUT, Alice; CALKINS, TIM. Branding. São Paulo. Atlas. 2006.
KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. Princípios de marketing. São Paulo. Pearson Prentice Hall. 2007.
DIAS, Sergio. R. (org). Gestão de marketing. São Paulo. Saraiva. 2003.

DISCIPLINA: MARKETING AMBIENTAL

EMENTA

Marketing e Meio Ambiente. A função do marketing como instrumento de visibilidade e de apresentação de ações socialmente responsáveis em relação ao meio ambiente. Marketing verde e ações de marketing. Comunicação em marketing. Assessoria de imprensa e marketing. Assessoria de Imprensa. Imprensa e mídias.

CONTEÚDO

Marketing verde ou ecológico. O conceito de marketing ecológico. Gestão ambiental e marketing verde. Marketing mix ecológico. O posicionamento de marcas ecológicas. A certificação como estratégia de marketing. Comércio internacional e meio ambiente. Relação entre o comércio internacional e o meio ambiente A OMC e a questão ambiental. Blocos comerciais e meio ambiente: o caso do mercosul. A declaração de Taranco. O acordo-quadro sobre o meio ambiente do Mercosul. Assessoria de imprensa e relações com a sociedade. Formalização da área de marketing e de Assessoria de Imprensa. Tipos de mídias e papel da imprensa para ações de marketing ambiental.

AVALIAÇÃO

As avaliações serão feitas ao longo do Curso, considerando-se avaliações dos conteúdos práticos e teóricos, participações nos debates, realização das atividades propostas: trabalhos individuais, em grupo e apresentação dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

ROCHA, Ângela; CHRISTENSEN, Carl. Marketing Teoria e Prática no Brasil. São Paulo. Atlas. 1999.
DUARTE, Jorge (org). Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia. São Paulo. Atlas. 2008.
LAS CASAS, André L. Administração de marketing – conceito, planejamento e aplicação à realidade brasileira. São Paulo. Atlas. 2008.
KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. Princípios de marketing. São Paulo. Pearson Prentice Hall. 2007.
DIAS, Reinaldo. Marketing Ambiental - ética, responsabilidade social e competitividade nos negócios. São Paulo. Atlas. 2003.

DISCIPLINA: FINANÇAS I

EMENTA

Matemática Comercial. Matemática financeira. Juros. Formas de cálculo. Empréstimo. Capitalização. Amortização. Logaritmos. Desconto. Operações financeiras. Simulações e estudo de caso.

CONTEÚDO

Razões. Proporções. Grandezas proporcionais. Divisão proporcional. Regra de sociedade. Regra de três. Porcentagem. Juros simples. Juros composto. Desconto simples. Propriedades dos logaritmos. Logaritmos decimais. Função logarítmica. Juros compostos. Montante. Taxas equivalentes. Desconto composto. Capitalização. Amortização. Rendas. Capitalização composta. Sistema Frances de amortização. Tabela price. Sistema de amortização constante. Sistema americano. Plano livre de amortização.

AVALIAÇÃO

As avaliações serão feitas ao longo do Curso, considerando-se avaliações dos conteúdos práticos e teóricos, participações nos debates, realização das atividades propostas: trabalhos individuais, em grupo e apresentação dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

- SPINELLI, Walter; SOUZA, M. Helena. Matemática comercial e financeira. 13ª. São Paulo. Atica. 1997. 13ª.
- RANGEL, Armênio S.; SANTOS, Jose C. de S.; BUENO, Rodrigo de L da S.. Matemática dos mercados financeiros: À Vista e a Termo. São Paulo. Atlas. 2003.
- VERAS, Lilia L. Matemática financeira. 6ª. São Paulo. Atlas. 2007.
- FERREIRA, Roberto. Matemática financeira aplicada: mercado de capitais, administração financeira, finanças pessoais. 6ª. São Paulo. Atlas. 2008.
- ASSAF NETO, Alexandre. Finanças corporativas e valor. 2ª. São Paulo. Atlas. 2006.
- HOJI, Masakazu. Administração financeira na prática: guia para educação financeira corporativa e gestão financeira pessoal. 2ª. São Paulo. Atlas. 2009.
- BRITO, Paulo. Análise e viabilidade de projetos de investimentos. 2ª. São Paulo. Atlas. 2006.
- HOJI, Masakazu. Administração financeira e orçamentária: matemática financeira aplicada. Estratégias financeiras. Orçamento empresarial. 8ª. São Paulo. Atlas. 2009.

DISCIPLINA: FINANÇAS II

EMENTA

Fundamentos de administração financeira. Interpretação e análise das demonstrações financeiras. Lucro e valor agregado. Risco, retorno e custo de oportunidade. Estudo de caso em finanças.

CONTEÚDO

Finanças empresariais. Cálculo financeiro, aplicações e inflação. Estrutura das demonstrações contábeis. Análise das demonstrações financeiras desempenho operacional e alavancagem. Gestão baseada em valor. Risco e retorno. Portfólio e precificação de ativos.

AVALIAÇÃO

As avaliações serão feitas ao longo do Curso, considerando-se avaliações dos conteúdos práticos e teóricos, participações nos debates, realização das atividades propostas: trabalhos individuais, em grupo e apresentação dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, Roberto. Matemática financeira aplicada: mercado de capitais, administração financeira, finanças pessoais. 6ª. São Paulo. Atlas. 2008.
ASSAF NETO, Alexandre. Finanças corporativas e valor. 2ª. São Paulo. Atlas. 2006.
HOJI, Masakazu. Administração financeira na prática: guia para educação financeira corporativa e gestão financeira pessoal. 2ª. São Paulo. Atlas. 2009.
BRITO, Paulo. Análise e viabilidade de projetos de investimentos. 2ª. São Paulo. Atlas. 2006.
HOJI, Masakazu. Administração financeira e orçamentária: matemática financeira aplicada. Estratégias financeiras. Orçamento empresarial. 8ª. São Paulo. Atlas. 2009.

DISCIPLINA: FINANÇAS III

EMENTA

Decisões financeiras. Decisões de investimentos e dimensionamento dos fluxos de caixa. Métodos de avaliação econômica de investimentos. Dinâmica dos métodos de avaliação de investimentos. Condições de riscos e investimentos. Custo de capital e criação de valor. Fontes de financiamento e estrutura de capital. Decisões de investimentos. Capital de giro e gestão de caixa. Administração de valores a receber. Estudo de caso em finanças.

CONTEÚDO

Finanças empresariais. Calculo financeiro, aplicações e inflação. Estrutura das demonstrações contábeis. Análise das demonstrações financeiras desempenho operacional e alavancagem. Gestão baseada em valor. Risco e retorno. Portfólio e precificação de ativos.

AVALIAÇÃO

As avaliações serão feitas ao longo do Curso, considerando-se avaliações dos conteúdos práticos e teóricos, participações nos debates, realização das atividades propostas: trabalhos individuais, em grupo e apresentação dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, Roberto. Matemática financeira aplicada: mercado de capitais, administração financeira, finanças pessoais. 6ª. São Paulo. Atlas. 2008.
ASSAF NETO, Alexandre. Finanças corporativas e valor. 2ª. São Paulo. Atlas. 2006.
HOJI, Masakazu. Administração financeira na prática: guia para educação financeira corporativa e gestão financeira pessoal. 2ª. São Paulo. Atlas. 2009.
BRITO, Paulo. Análise e viabilidade de projetos de investimentos. 2ª. São Paulo. Atlas. 2006.
HOJI, Masakazu. Administração financeira e orçamentária: matemática financeira aplicada. Estratégias financeiras. Orçamento empresarial. 8ª. São Paulo. Atlas. 2009.

DISCIPLINA: GESTÃO DA BIODIVERSIDADE

EMENTA

Gestão e ambiente: conceitos básicos. Responsabilidade Social e Ambiental. Ecologia, Biodiversidade e Gestão de Ecossistemas. Biodiversidade e Sociedade. Biodiversidade e Negócios. Gestão da Biodiversidade e as Unidades de Conservação.

CONTEÚDO

Homem e ambiente. Conceitos ambientais. Ecossistemas. O papel da natureza. Desequilíbrios naturais. Processo de gestão. Problemas ambientais em escala global. Responsabilidade Social e Ambiental. Biologia da conservação e diversidade biológica. Ameaças à diversidade biológica. Diversidade biológica e diversidade cultural. Convenção sobre a diversidade biológica. Ciência da biodiversidade: questões e desafios. Biodiversidade geral. Diversidade de ecossistemas e paisagens. Gestão de Ecossistemas. Biodiversidade vegetal e animal. Diretrizes e estratégias para a modernização de coleções botânicas e zoológicas brasileiras com base na consolidação de sistemas integrados de informação sobre a biodiversidade. Tecnologias e estratégias para conservação *in situ* e *ex situ* da biodiversidade. Processos e pressões antrópicas que degradam a biodiversidade. Diversidade genética e uso novas técnicas moleculares. Avaliação, monitoramento e indicadores da diversidade biológica. Sociedade e Economia. Unidades de Conservação. Estudos de caso.

AValiação

Três avaliações teóricas e um seminário com estudos de caso. Todas as avaliações terão pesos iguais.

BIBLIOGRAFIA

- Bensusan, N. 2006. Conservação da biodiversidade em áreas protegidas. Rio de Janeiro: Interciência. 176p.
- Lewinson, T.M. & Prado, P.I. 2002. Biodiversidade brasileira: síntese do estado atual do conhecimento. São Paulo: Contexto.
- Peixoto, A.L.; Barbosa, M.R. de V.; Menezes, M. & Maia, L.C. 2006. Diretrizes e estratégias para a modernização de coleções biológicas brasileiras e a consolidação de sistemas integrados de informações sobre a biodiversidade. Programa de Pesquisa em Biodiversidade. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos: Ministério da Ciência e Tecnologia. 324p.
- Primack, R. B. & Rodrigues, E. 2001. Biologia da Conservação. Londrina: E. Rodrigues. 328p.
- Acot, P. 1990. História da Ecologia. Rio de Janeiro: Campus.
- Diamond, J. 2006. Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. São Paulo: Record. 3^o edição.
- Rocha, C.D.F.; Bergallo, H.G.; Slups, M. & Alves, M.A.S. 2006. Biologia da conservação: essências. São Carlos: RiMa.
- Tonhasca Jr., A. 2005. Ecologia e história natural da mata atlântica. Rio de Janeiro: Interciência. 197p.

DISCIPLINA: BOTÂNICA GERAL I

EMENTA

Diversidade dos seres vivos e classificação dos grandes grupos estudados na Botânica. Nomenclatura Botânica. Aspectos da biologia, ecologia, sistemática e evolução das algas (Reino Protista), briófitas e pteridófitas (Reino Plantae). Diferenças entre Gimnospermas e Angiospermas.

CONTEÚDO

Origem da vida. Diversidade e classificação dos grandes grupos na Botânica (Reinos Protista e Plantae). Nomenclatura botânica: princípios, regras e recomendações. Reino

Protista: aspectos biológicos, morfológicos, ecológicos e evolutivos. Importância das algas. Principais características e ciclos de vida dos Filos Dinophyta, Euglenophyta, Cryptophyta, Haptophyta, Bacillariophyta, Chrysophyta, Phaeophyta, Rhodophyta e Chlorophyta. Reino Plantae: aspectos biológicos, morfológicos e evolutivos de briófitas e pteridófitas. A conquista do ambiente terrestre. Adaptação das plantas ao ambiente terrestre. Briófitas: principais características e ciclos de vida dos Filos Hepatophyta, Anthocerophyta e Bryophyta. Pteridófitas: evolução das plantas vasculares. Principais características e ciclos de vida dos Filos Psilophyta, Lycopodiophyta, ArthropHYta e Pteridophyta. Sistemática e evolução de espermatófitas: ciclos de vida e diferenças entre Gimnospermas e Angiospermas. Diversidade de Gimnospermas: Divisões Coniferophyta, Gnetophyta, Cycadophyta e Ginkgophyta.

AVALIAÇÃO

Três avaliações teóricas e um seminário com estudos de caso. Todas as avaliações terão pesos iguais.

BIBLIOGRAFIA

JOLY, A.B. 2002. Botânica. Introdução à taxonomia vegetal. 13a ed. Companhia. Editora Nacional. São Paulo.

Oliveira, Eurico Cabral de. Introdução à Biologia Vegetal. 2º Edição. EDUSP, São Paulo.

Raven, P.H.; Evert, R.F. & Eichorn, S.E. 2007. Biologia Vegetal. 7º edição. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.

Franceschini, Iara Maria; Burliga, Ana Luiza; Reviers, Bruno de; Prado, João Fernando & Hamlaoui, Sahima. Algas: Uma abordagem filogenética, taxonômica e ecológica. Editora Artmed.

Instituto de Física de São Carlos. 2001. Introdução à Biologia Vegetal. USP, São Carlos. Disponível em: <http://biologia.ifsc.usp.br/bio2/apostila/sist-veg.pdf>

Paula, Edison Jose de; Plastino, Estela Maria; Oliveira, Eurico Cabral de; Berchez, Flavio; Chow, Fungyi & Oliveira, Mariana Cabral de. 2007. Introdução à Biologia das Criptógamas. Instituto de Biociências – USP, São Paulo. Disponível em: http://felix.ib.usp.br/apostila_cripto.pdf

JOLY, A.B. 2002. Botânica. Introdução à taxonomia vegetal. 13a ed. Companhia. Editora Nacional. São Paulo.

Oliveira, Eurico Cabral de. Introdução à Biologia Vegetal. 2º Edição. EDUSP, São Paulo.

Raven, P.H.; Evert, R.F. & Eichorn, S.E. 2007. Biologia Vegetal. 7º edição. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.

DISCIPLINA: BOTÂNICA GERAL II

EMENTA

Organografia da raiz, caule e folha. Organografia da flor, inflorescência e fruto. Histologia vegetal. Sistemática Vegetal. Aspectos da biologia, ecologia, sistemática e evolução das Angiospermas (Reino Plantae). Principais famílias botânicas. Interesse econômico. Herborização de material botânico.

CONTEÚDO

Organografia das estruturas vegetativas. Raiz, caule e folha: origem, função, morfologia externa, tipos e adaptações. Organografia das estruturas reprodutivas. Flor, inflorescência, fruto e semente: origem, função, morfologia externa, tipos e adaptações. Síndromes de polinização e de dispersão de sementes. Sistema dérmico ou de revestimento: a epiderme e seus anexos, origem, funções, constituintes, parede celular epidérmica externa e cutícula, variações ambientais e especializações. Sistema fundamental ou de preenchimento: parênquima e suas especializações. Tecidos de sustentação: colênquima e esclerênquima. Sistema vascular ou de condução. Xilema: caracterização, função, origem e desenvolvimento, evolução, constituição, elementos típicos, xilema primário e secundário. Floema: caracterização, função, origem e desenvolvimento, evolução, constituição, elementos típicos, floema primário e

secundário. Células e tecidos secretores: classificação, tipos e mecanismos de secreção, importância ecológica e econômica das secreções. Sistemática Vegetal: conceito, sistemas de classificação artificiais, naturais e filogenéticos. Diversidade de Angiospermas: Angiospermas basais, monocotiledôneas e eudicotiledôneas. Principais famílias de Angiospermas de interesse econômico (Agavaceae, Alliaceae, Anacardiaceae, Annonaceae, Apocynaceae, Araceae, Asteraceae, Bignoniaceae, Bromeliaceae, Brassicaceae, Cactaceae, Caricaceae, Celastraceae, Combretaceae, Cucurbitaceae, Euphorbiaceae, Fabaceae, Lamiaceae, Lauraceae, Lecythidaceae, Liliaceae, Malvaceae, Malpighiaceae, Melastomataceae, Moraceae, Musaceae, Myrtaceae, Nymphaeaceae, Palmae, Passifloraceae, Piperaceae, Poaceae, Orchidaceae, Rosaceae, Rubiaceae, Rutaceae, Sapotaceae, Solanaceae). Métodos em taxonomia vegetal: procedimentos para coleta, herborização e identificação de material botânico.

AVALIAÇÃO

Critérios de avaliação: Três avaliações teóricas, três avaliações práticas, um seminário, além de relatórios de aulas práticas. Todas as avaliações terão pesos iguais.

BIBLIOGRAFIA

- JOLY, A.B. 2002. Botânica. Introdução à taxonomia vegetal. 13a ed. Companhia. Editora Nacional. São Paulo.
- OLIVEIRA, Eurico Cabral de. Introdução à Biologia Vegetal. 2º Edição. EDUSP, São Paulo.
- RAVEN, P.H.; EVERT, R.F. & EICHORN, S.E. 2007. Biologia Vegetal. 7º edição. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.
- FRANCESCHINI, Iara Maria; BURLIGA, Ana Luiza; REVIERS, Bruno de; Prado, João Fernando & Hamlaoui, Sahima. Algas: Uma abordagem filogenética, taxonômica e ecológica. Editora Artmed.
- Instituto de Física de São Carlos. 2001. Introdução à Biologia Vegetal. USP, São Carlos. Disponível em: <http://biologia.ifsc.usp.br/bio2/apostila/sist-veg.pdf>
- FRANCESCHINI, Iara Maria; BURLIGA, Ana Luiza; Reviere, Bruno de; Prado, João FERNANDO & HAMLAOUI, Sahima. Algas: Uma abordagem filogenética, taxonômica e ecológica. Editora Artmed.
- Instituto de Física de São Carlos. 2001. Introdução à Biologia Vegetal. USP, São Carlos. Disponível em: <http://biologia.ifsc.usp.br/bio2/apostila/sist-veg.pdf>
- PAULA, Edison Jose de; Plastino, Estela Maria; Oliveira, Eurico Cabral de; Berchez, FLAVIO; Chow, FUNGYI & OLIVEIRA, Mariana Cabral de. 2007. Introdução à Biologia das Criptógamas. Instituto de Biociências – USP, São Paulo. Disponível em: http://felix.ib.usp.br/apostila_cripto.pdf
- APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B. & CARMELLO-GUERREIRO, S.M. 2006. Anatomia Vegetal. 2ª. Viçosa. Ed. Universidade Federal de Viçosa.
- CUTTER, E. Anatomia Vegetal. Parte I: células e tecidos. Ed. Roca, São Paulo, 1986.
- Judd, Walter S.; Campbell, Christopher S.; Kellogg, Elizabeth A.; Stevens, Peter F. & DONOGHU, Michael J. 2009. Sistemática Vegetal: Um Enfoque Filogenético. 3º Edição. Editora Artmed.
- LORENZI, H. & GONÇALVES, E.G. 2007. Morfologia Vegetal: Organografia e Dicionário Ilustrado de Morfologia das Plantas Vasculares. Editora Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda., Nova Odessa.
- RAVEN, P.H.; Evert, R.F. & Eichorn, S.E. 2007. Biologia Vegetal. 7º edição. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.
- SOUZA, V.C. & LORENZI, H. 2008. Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II. 2º edição. Editora Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda., Nova Odessa.
- SOUZA, V.C. & LORENZI, H. 2007. Chave de identificação: para as principais famílias de angiospermas nativas e cultivadas no Brasil. Editora Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda., Nova Odessa.
- VIDAL, W.N. & VIDAL, M.R.R. 2005. Botânica. Organografia, quadros sinóticos ilustrados de fanerógamos. 4º edição. Editora UFV, Viçosa.
- BARROSO, G.M.; PEIXOTO, A. L., ICHASO, C. L. F., COSTA, C. G., Guimarães, E. F. & Lima, H. C. Sistemática de Angiospermas do Brasil. Viçosa, Editora UFV, v. 1, 2 e 3.

- FERRI, Mario Guimarães; MENEZES, N.M. & MONTEIRO, W.R. 1981. Glossário Ilustrado de Botânica. Editora Nobel, São Paulo.
- FERRI, Mário G. Botânica – Morfologia interna das plantas. Ed. Univer. De São Paulo. Instituto de Física de São Carlos. 2001. Introdução à Biologia Vegetal. USP, São Carlos. Disponível em: <http://biologia.ifsc.usp.br/bio2/apostila/sist-veg.pdf>
- JOLY, A.B. 2002. Botânica. Introdução à taxonomia vegetal. 13a ed. Companhia. Editora Nacional. São Paulo.
- KRAUS, J. E. & M. Arduin. 1997. Manual básico de métodos em morfologia vegetal. Edur, Seropédica. São Paulo. 198 p.

DISCIPLINA: INTRODUÇÃO ÀS CIÊNCIAS ATMOSFÉRICAS

EMENTA

A atmosfera terrestre. Radiação solar e o aquecimento da terra e da atmosfera. A água na atmosfera: umidade, condensação e precipitação. Pressão atmosférica, ventos e circulação geral da atmosfera. Massas de ar e frentes. Medida das variáveis meteorológicas. Meteorologia e questões ambientais.

CONTEÚDO

Atmosfera terrestre: Composição da atmosfera; Estrutura vertical da atmosfera; O tempo e o clima. Radiação solar e o aquecimento da terra e da atmosfera: Radiação Solar e Terrestre; Transferência da radiação na atmosfera; Balanço de radiação e de energia na superfície terrestre; Temperatura do ar e do solo e transferência de calor; Variações diária, sazonal e aperiódica da temperatura do ar e do solo. A água na atmosfera: umidade, condensação e precipitação: Circulação da água na atmosfera; Evaporação, condensação e saturação; Umidade; Estabilidade atmosférica; Processos de precipitação; Balanço hídrico. Pressão atmosférica, ventos e circulação geral da atmosfera: Pressão atmosférica. Movimentos atmosféricos: convecção e advecção; Ventos locais; Circulação geral da atmosfera. Massas de ar e frentes: Massas de ar; Frentes; Sistemas de tempo na América do Sul. Medida das variáveis meteorológicas: Observação e instrumentação meteorológica. Meteorologia e questões ambientais: Poluição Atmosférica; Chuva ácida; Buraco na camada de ozônio. Aquecimento global.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- AHRENS, C.D. Essentials of meteorology. *An invitation to the atmosphere*. New York, West Publishing, 1993. 437 p.
- DONN, W.L. Meteorology. 4 ed. New York, McGraw-Hill, 1975. 518 p.
- VIANELLO, R.L. & RAINIER, A. Meteorologia básica e aplicações. Viçosa, UFV, Impr. Univ., 1991. 449 p.

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DE GESTÃO

EMENTA

Gestão das organizações, diferenças e tipologias. Funções das organizações. Estratégias das organizações e atuação. Organização e levantamento de informações das organizações. Organização: layout, fluxogramas, distribuição do trabalho, formulários e manualização das atividades. Departamentalização, organogramas e sistemas de informações. Arquitetura organizacional. Ferramentas gerenciais: benchmarking, empowerment, qualidade, reengenharia e gestão de mudanças.

CONTEÚDO

Escolas da administração e evolução. Etapas de estudos organizacionais. Instrumentos de levantamento de necessidades: entrevista, questionário, observação pessoal. Técnicas de layout. Estratégia de estudo de processo. Indicadores de problemas na distribuição do trabalho. Indicadores e análise de desenho de formulários. Tipos de formulários. Manualização: Tipos e Técnicas. Técnicas de departamentalização. Tipos de organogramas. Função do benchmarking. Condições e aplicações de empowerment. Qualidade, função e origens. Fundamentos da qualidade para a gestão. Reengenharia e conceitos. Gestão de mudanças nas organizações.

AValiação

As avaliações serão feitas ao longo do Curso, considerando-se avaliações dos conteúdos práticos e teóricos, participações nos debates, realização das atividades propostas: trabalhos individuais, em grupo e apresentação dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Luis César G. Organização, sistemas e métodos e as tecnologias de gestão organizacional. 2ª. São Paulo. Atlas. 2006.

ROBBINS, Stephen. Administração – mudanças e perspectivas. São Paulo. Saraiva. 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. Administração. São Paulo. Campus. 2008.

_____. Introdução à teoria geral da administração. São Paulo. Elsevier. 2007.

DISCIPLINA: GESTÃO DE OPERAÇÕES

EMENTA

Natureza do negócio. Estratégia dos negócios. Competitividade global. Gerenciamento das operações e da qualidade. Projeto de produto/ serviço. Projeto do sistema de transformação. Planejamento da capacidade e localização. Gerenciamento da programação. Gerenciamento de materiais. Gerenciamento da cadeia de suprimentos e sistemas just-in-time. Gerenciamento de projeto.

CONTEÚDO

Produção. Atividades do setor. Formulação da estratégia. Foco. Competitividade global. Gerenciamento da qualidade. Capacidade de processo. Custo e papel da produtividade. Capacidade de processo. Controle da qualidade. Seleção de projetos. Comercialização. Seleção e tecnologias de transformação e reengenharia. Finalidades e métodos de previsão. Planejamento de capacidade, de produção e localização à longo prazo. Programação mestre e de serviços. Lote econômico de compras. MRP para demanda dependente. Gerenciamento do supply chain e suas tecnologias. JIT: vantagens e desvantagens, benefícios, problemas e aplicações. Programação de projeto: PERT e CPM. Rede de operações. Custo e desempenho.

AValiação

As avaliações serão feitas ao longo do Curso, considerando-se avaliações dos conteúdos práticos e teóricos, participações nos debates, realização das atividades propostas: trabalhos individuais, em grupo e apresentação dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

DAVIS, Mark; AQUILANO, Nicholas; CHASE, Richard. Fundamentos da administração da produção. Porto Alegre. Bookman. 2001.
MEREDITH, Jack; SCOTT, Shafer. Administração da produção para MBA. Porto Alegre. Bookman. 2002.
BALLOU, Ronald. Gerenciamento da cadeia de suprimentos/ logística empresarial. Porto Alegre. Bookman. 2006.
SLACK, Nigel (org.). Administração da produção. São Paulo. Atlas. 1999.
MARTINS, Petrônio; LAUGENI, Fernando. Administração da produção. São Paulo. Atlas. Saraiva. 1999.
STEVENSON, Willian. Administração das operações e da produção. Rio de Janeiro. LTC. 1999.

DISCIPLINA: METODOLOGIA CIENTÍFICA

EMENTA

A Universidade (estruturas e funções) e a formação de profissionais, Métodos e Técnicas para eficiência nos estudos. Conhecimento Científico e outros tipos de conhecimento. O espírito Científico. A Ciência: concepção, características e divisão. O Método Científico. Interação entre ciência e a sociedade. Trabalhos Científicos: conceito, estrutura, coerência interna e passos formais para elaboração e apresentação.

CONTEÚDO

O trabalho universitário: A Universidade: estrutura e funções. Técnicas de estudos e de trabalho individual: Leitura: tipos e técnicas. A documentação pessoal. O uso da Biblioteca. Trabalhos acadêmicos de graduação. Técnicas de trabalho em grupo. Tipos de trabalho científicos. O conhecimento científico: O problema do conhecimento e seus níveis. Tipos de conhecimento e suas caracterização: Conhecimento mítico, senso comum, filosófico, científico e teológico. A Ciência separada da filosofia: ruptura renascentista. Classificação e características das ciências. Interação entre ciência e sociedade. O método científico: Método racional e método experimental. Processos do método científico: Observação, Hipótese, Experimentação. Indução e dedução, Análise e síntese; Fatos, Leis e Teorias. Elaboração de trabalhos científicos: As fases de um trabalho científico. Elaboração do projeto. Execução do trabalho. Normas de apresentação formal de trabalho científico. Prática de elaboração de um trabalho científico.

AVALIAÇÃO

As avaliações serão feitas ao longo do Curso, considerando-se avaliações dos conteúdos práticos e teóricos, participações nos debates, realização das atividades propostas: trabalhos individuais, em grupo e apresentação dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1994.
- GOLDENBERG, Miriam. A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Atlas, 1992.
- LUNA, Sérgio. V. de. Planejamento de Pesquisa. Uma introdução. Elementos para uma análise metodológica. São Paulo : EDUC, 1997.
- MARTINS, G. de Andrade. Manual para elaboração de monografias e dissertações. São Paulo: Atlas, 1998.
- PORTELA, Girlene L. [Pesquisa quantitativa ou qualitativa: eis a questão](#). Feira de Santana: UEFS (Inédito)
- SEIDEL, Roberto. H. Manual Teórico e Prático para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos. Recife : Nossa Livraria, 2004.
- SEIXAS, Cid. et al.(Ed.).Léngua & meia. Revista de Literatura e Diversidade Cultural.Ano 3, n.2. Feira de Santana: UEFS, 2004.
- SEVERINO, A. J.. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2004

DISCIPLINA: DIREITO AMBIENTAL I

EMENTA:

Introdução ao direito (formação, concepções e nomenclatura jurídica), norma e ordenamento jurídico. Validade, vigência e eficácia. O direito ambiental brasileiro: formação das leis, definições legais, princípios gerais do direito ambiental. A constituição Federal e o meio ambiente.

CONTEÚDO:

Introdução à Teoria Geral do Direito e seus Fundamentos: Norma jurídica (conceitos, características e classificação; Teoria do ordenamento jurídico. Validade, vigência e eficácia das normas. Conceito de Direito Ambiente, origem, fontes, a doutrina, a jurisprudência; Autonomia e essencialidades. Princípios Ambientais e suas funcionalidades, mecanismos: Princípio da ubiqüidade; Princípio do desenvolvimento sustentável; Princípio do poluidor-pagador; Princípio usuário-pagador; Princípio da precaução; Princípio da prevenção; Princípio da responsabilidade; Princípio da participação. Ordenamento Jurídico - Legislação Ambiental. Ambiente Constitucional. Constituição Federal de 1988, em seu artigo 225, e de leis complementares que disciplinam a matéria.

AVALIAÇÃO:

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- FIORILLO, Celso A. P. Curso de Direito Ambiental Brasileiro. 5ª. São Paulo. Saraiva. 2004.
MILARÉ, Édis. Direito do Ambiente. São Paulo. 4ª. São Paulo: RT. 2005.
LEITE, José R. M.; BELLO FILO, Ney de B.(org). Direito Ambiental Contemporâneo. São Paulo. Manole. 2004.
MORAES, L. C. S. Curso de Manual de Direito Ambiental. 2ª.São Paulo: Atlas, 2004.
SIRVINSKAS, L.P. Manual de Direito Ambiental. 3ª. São Paulo: Saraiva, 2005.
RODRIGUES, M. A. Elementos de Direito Ambiental. 2ª. São Paulo: RT, 2005.
MACHADO, P. A. L. Direito Ambiental Brasileiro. 13ª. São Paulo: Malheiros, 2005.
ANTUNES, P. de B. Direito Ambiental. 7ª. Rio de Janeiro. Lumen Júris, 2005.
KISHI, S. A. S. (org.). Desafios do Direito Ambiental no século XXI: Estudos em homenagem a Paulo Affonso Leme Machado. São Paulo: Malheiros, 2007.

DISCIPLINA: DIREITO AMBIENTAL II

EMENTA

Classificação do meio ambiente, as competências dos entes federados em matéria ambiental na Constituição de 1988, política e sistema nacional do meio ambiente, os instrumentos da política nacional do meio ambiente, zoneamento ambiental, Estudo prévio de impacto ambiental e relatório de impacto ambiental (EPIA-RIMA), o espaço urbano e ambiental dos municípios. Cidadania e Meio Ambiente. Administração Pública e Meio Ambiente. Características e aspectos jurídicos da poluição. Gestão de Recursos Hídricos. A questão da Biodiversidade e sua relevância sócio-econômica e cultural. Proteção do patrimônio cultural

CONTEÚDO

Política Nacional do Meio Ambiente e Sistema Nacional do Meio Ambiente: Órgãos integrantes do sistema nacional do meio ambiente. Poderes da República: atribuições. Competência legislativa em matéria ambiental. A Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA). Principais instrumentos da política nacional do meio ambiente: Padrões de qualidade ambiental, Zoneamento ambiental, Avaliação de impactos ambientais, Licenciamento ambiental, Auditoria ambiental. Florestas de preservação permanente, reserva florestal legal, e fauna. Florestas de preservação permanente, Reserva florestal legal, Fauna. Unidades de conservação: Conceito de unidades de conservação, Objetivos do sistema nacional de áreas de conservação (SNUC), Tipos e funções das unidades de conservação, Criação e implantação das unidades de conservação, Compensação do dano ambiental e unidades de conservação, Plano de Manejo, Direitos e deveres da população tradicional das unidades de conservação, A pesquisa científica nas unidades de conservação, Gestão das unidades de conservação; 6. Recursos hídricos: Noções gerais, Os objetivos da política nacional de recursos hídricos, Os planos de recursos hídricos, Outorga de direitos de uso de recursos hídricos, Cobrança de uso de recursos hídricos, Sistema Nacional de Gerenciamento de recursos hídricos;

AVALIAÇÃO:

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- MILARÉ, Édis. Direito do Ambiente. 4ª. São Paulo. RT, 2005.
- LIMA, André. (org.). O direito para o Brasil socioambiental. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 2002.
- NARDY, Afrânio; SAMPAIO, José A. L.; WOLD, Chris. Princípios de direito ambiental. Belo Horizonte: Del Rey. 2003.
- MACHADO, Paulo A. L. Direito Ambiental Brasileiro. São Paulo: Malheiros, 2003.
- MIRRA, Luiz Á. V.. Impacto ambiental: aspectos da legislação brasileira. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2002.
- SAMPAIO, Francisco J. M. Evolução da responsabilidade civil e reparação de danos ambientais. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.
- SILVA, J. A. Direito Ambiental Constitucional. 4ª São Paulo: Malheiros, 2003.

DISCIPLINA: DIREITO AMBIENTAL III

EMENTA

Prevenção e reparação do dano ambiental, responsabilidade civil por danos ao meio ambiente - (lei 7347/85). Poder de polícia ambiental, licenciamento ambiental, zoneamento ambiental, proteção do patrimônio natural. Unidades de conservação da natureza, regime jurídico. Código florestal - (lei 4771/65). Poluição atmosférica. Poluição das águas doces, mares e zonas costeiras. Poluição do solo: resíduos industriais, tóxicos e perigosos, poluição sonora. Proteção do patrimônio cultural, o regime jurídico do tombamento. Direito ambiental penal e internacional.

CONTEÚDO

Estudo da poluição: Conceito de poluição, Poluição hídrica, Poluição atmosférica, Poluição do solo, Poluição sonora, Poluição visual. Responsabilidade Ambiental: Responsabilidade civil e reparação do dano ecológico. A tutela penal e jurisdicional do ambiente: Direito Ambiental Penal, Meios processuais para a defesa ambiental; ação civil pública; ação popular. Mandado de segurança; mandado de injunção. O meio ambiente artificial, cultural e do trabalho. Direito ambiental: especialidades: Direito Ambiental Tributário, Biotecnologia e o meio ambiente, Energia nuclear. Patrimônio cultural – aspectos jurídicos. Comércio internacional, MERCOSUL e direito ambiental internacional. Diferentes tutelas do meio ambiente: tutela civil; tutela administrativa; tutela penal.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- STEIGLEDER, A. M. Responsabilidade civil ambiental. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.
- ALMEIDA, J. R. Política e planejamento ambiental. 3ª. Rio de Janeiro. Thex, 2004.
- ANTUNES, Paulo de B. Direito ambiental. 8ª. Rio de Janeiro. Lumen Júris, 2005.
- BELLEN, Hans Michael Van. Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- CANOTILHO, Jose J. G.; LEITE, J. R. M. Direito constitucional ambiental brasileiro. São Paulo: Saraiva. 2007.
- CONSTANTINO, C.E. Delitos ecológicos: a lei ambiental comentada artigo por artigo. 2ª. São Paulo: Atlas, 2004.
- FIORILLO, C. A. P. Curso de direito ambiental brasileiro. 9ª. São Paulo: Saraiva, 2008.
- MACHADO, P. A. Direito ambiental brasileiro. 16ª. São Paulo: Malheiros, 2008.
- MAZZILLIA, Hugo Nigro. Defesa dos interesses difusos em juízo: meio ambiente, consumidor, patrimônio cultural e outros interesses. 18ª. São Paulo: Saraiva, 2005.
- SARNO, D. C. L. Di; DALLARI, A. de A. Direito urbanístico e Ambiental. São Paulo: Fórum, 2007.
- SILVA, J. A. da. Direito Ambiental Constitucional. 6ª. São Paulo: Malheiros, 2007.

DISCIPLINA: POLÍTICA, LEGISLAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO FLORESTAL

EMENTA

Política ambiental brasileira e seus marcos legais; O meio ambiente e a questão florestal nas constituições federal e estaduais; Inserção das questões ambientais e florestais no contexto político-administrativo brasileiro; Descentralização da Administração ambiental/florestal e delegação de atribuições: seus princípios, características e limitações; Legislação ambiental básica e Legislação Florestal Brasileira, seus objetivos e limitações. Aplicação da legislação ambiental e florestal: Estudos de caso.

CONTEÚDO

Relações entre homem e floresta, face ao progresso da civilização. A evolução da degradação ambiental e a importância das Florestas. Necessidade de políticas ambientais e florestais. Definição e objetivos de uma Política Florestal. Política ambiental brasileira e seus marcos legais. Histórico da política ambiental brasileira. Princípios gerais e características da política ambiental brasileira. A inserção das questões florestais na política ambiental brasileira. O meio ambiente e a questão florestal nas constituições federal e estaduais. Política Florestal: Situação da política florestal brasileira. Análise crítica da situação florestal brasileira atual. Principais diretrizes de uma política florestal. Organização da administração florestal: Atribuições do Governo Federal e seus órgãos. Descentralização e atribuição de funções a estados e municípios. Vantagens, problemas, e limitações da descentralização administrativa ambiental e florestal. Legislação Ambiental: Constituição federal e o meio ambiente. As constituições estaduais e o meio ambiente. Principais aspectos da legislação ambiental brasileira. Legislação Florestal: Objetivos e limitações da Legislação Florestal. Legislação Florestal Brasileira: Leis e Atos complementares. Regulamentos Florestais. Análise do Código Florestal. Lei de crimes ambientais. Estudos de caso.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL, Estatuto da Terra, Lei nº 4.504, de 30.11.1964.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.
- BRASIL. Decreto 1354/94 (estabelece o Programa Nacional da Diversidade Biológica)
- BRASIL. Decreto 750/93 (decreto da Mata Atlântica)
- BRASIL. Lei 1282/94 (regulamenta Artigos 15, 19, 20 E 21 da Lei 4471/65)
- BRASIL. Lei 4771 de 15 de setembro de 1965. (institui o novo Código Florestal)
- BRASIL. Lei 5197/67 (lei de proteção da fauna)
- BRASIL. Lei 6938 de 31 de agosto de 1981 (dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências). Brasília, 1981.
- BRASIL. Lei 7754/89 (proteção de florestas nas nascentes)
- BRASIL. Lei 9171/91 (estabelece a Política Agrícola BRASILEIRA)
- BRASIL. Lei 97628/89. (regulamenta Artigo 21 da Lei 4471/65)
- BRASIL. Lei 97635/89 (regulamenta Artigo 27 da lei 4471/65 e prevenção e combate a incêndios florestais)
- CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 013/90 (estabelece normas para empreendimentos que afetem biota de unidades de conservação)
- CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 1/94
- CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 10/93 (estágios sucessivos da Mata Atlântica)
- CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 12/94 (estabelece o Glossário de Termos Técnicos da Mata Atlântica)
- CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 2/94

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 229/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 24/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 25/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 26/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 28/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 30/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 31/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 32/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 33/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 34/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 5/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução 6/94
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução F-R-001/86 (estabelece obrigatoriedade e normas para EIA-RIMA)
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução F-R-009/87 (estabelece normas para AUDIÊNCIAS PÚBLICAS)
CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução F-R-010/87 (estabelece a criação de estação ecológica como medida compensatória de obras de grande porte)
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA, Portaria 218-P/89
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA, Portaria 29/94 (normatização de exportação e importação de animais silvestres e exóticos)
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA, Portaria 439/89 (estabelece normas para a reposição florestal do palmito)
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA, Portaria 440/89 (estabelece normas para a reposição florestal)
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA, Portaria F-P- 441/89 (estabelece normas para a reposição florestal para consumidores)
SILVICULTURA. Revista da Sociedade Brasileira de Silvicultura - todos os números.

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DE ECONOMIA

EMENTA

Introdução aos princípios fundamentais das teorias econômicas. Análise dos conceitos e das relações interdisciplinar. Formação do pensamento Econômico e as atitudes sociais. As regras das variáveis econômicas em contextos políticos. Os fluxos das riquezas, formação das leis econômicas. Os princípios dos mercados. Os preços das mercadorias e serviços (preços econômicos), os preços sociais e os preços políticos. Os regimes e sistemas econômicos - As contradições. Interpretação dos conceitos da Economia Social.

CONTEÚDO

Substâncias. Leis Econômicas. A ordem e objetivos dos estudos econômicos. Noções fundamentais A Riqueza, Bens, Valor, Produção. Como Organização econômica. Sistemas econômicos. O Capitalismo - economia de mercado planejada centralmente. Necessidade e sua satisfação. Valor e utilidade - Escolha dos diferentes usos de um mesmo bem. Teoria Cardinal e Ordinal. Noções sobre elasticidade Equilíbrio da Oferta e Procura. Fatores de Produção. Equilíbrio da Oferta e Procura - Bens e Serviços.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- GONÇALVES, Reinaldo et al. A Nova Economia Internacional: uma perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- LOPES, João do C; ROSSETI, José P. Economia Monetária. São Paulo: Atlas, 1988.
- MONTORO FILHO, André F. et al. Manual de Introdução à Economia. São Paulo: Saraiva, 1983.
- MORCILLO, F. M; TROSTER, R. L. Introdução à Economia. 2ª. São Paulo: Makron Books, 1997.
- PINHO, D. B; VASCONCELLOS, M. A. S. Manual de Economia. 3ª. São Paulo: Saraiva, 1998.
- ROSSETTI, José P. Introdução a Economia. 17.ed São Paulo: Atlas, 1997.
- SOUZA, Nali de J. et alli. Introdução à Economia. São Paulo: Atlas, 1996.
- TODARO, M. Introdução à Economia: Uma Visão para o Terceiro Mundo. Rio de Janeiro: Campos, 1982.
- VASCONCELLOS, M. A; GARCIA, M. E. Fundamentos da Economia. São Paulo: Saraiva, 1998.
- WESSELS, W. J. Economia. São Paulo: Saraiva, 1998.

DISCIPLINA: ECONOMIA DO MEIO AMBIENTE

EMENTA

Introdução. Os principais paradigmas de gestão ambiental e desenvolvimento. Abordagens econômicas sobre o meio ambiente. A questão do valor do meio ambiente e da avaliação ambiental. Instrumentos de política ambiental: teoria e aplicações no mundo. Meio ambiente e comércio internacional. Tendências da questão ambiental no ambiente empresarial.

CONTEÚDO

Evolução da questão ambiental; Principais problemas ambientais na atualidade; Estudos sobre desenvolvimento e meio ambiente; Eventos críticos, acordos e conferências internacionais sobre meio ambiente; Ecologia Profunda; Economia de Fronteira; Proteção Ambiental; Recursos e Ecodesenvolvimento. Economia Ambiental Neoclássica (Economia da Poluição e Economia dos Recursos Naturais); Enfoques alternativos (Economia Ecológica; Economia Ambiental Institucionalista e Neoshumpeteriana); Abordagem neoclássica: valores de uso, opção e existência; Abordagem ecológica: valor intrínseco do meio ambiente. Abordagem neoclássica: valores de uso, opção e existência. Abordagem ecológica: valor intrínseco do meio ambiente. Abordagem institucionalista: valor Instrumental; Instrumentos de Comando e Controle e Instrumentos Econômicos. Casos de aplicações de instrumentos de política ambiental no Brasil e no mundo. Barreiras ambientais ao comércio; Políticas ambientais e competitividade internacional.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- ALIER, J. M. Economia Ecológica. Porto Alegre, IEPE/UFRGS (texto para discussão nº 03/96). 1996.
ALMEIDA, L. T. Política Ambiental: uma análise econômica. São Paulo: UNESP, 1998.
AMAZONAS, M. C. Economia do Meio Ambiente: uma análise da abordagem neoclássica a partir de marcos evolucionistas e institucionalistas. Campinas - Campinas, UNICAMP, 1994 (dissertação de mestrado em Economia).
SALVATORE, Dominick. Economia Internacional. São Paulo: McGraw-Hill, 1978
SINGER, Paul. Aprender Economia. São Paulo: Brasiliense, 1983.
SOUZA, Nali de J. et alli. Introdução à Economia. São Paulo: Atlas, 1996.
VASCONCELLOS, M. A; GARCIA, M. E. Fundamentos da Economia. São Paulo: Saraiva, 1998.

DISCIPLINA: INTRODUÇÃO ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS

EMENTA

As Ciências Sociais, em especial as disciplinas antropologia, sociologia e ciência política podem ser vistas como verdadeiras chaves para a compreensão do homem, uma vez que se detém sobre as relações culturais, sociais e políticas que os homens estabelecem entre si e possibilitam um alargamento do discurso, bem como do olhar, fornecendo instrumentais teóricos para que o aluno analise com maior discernimento a realidade social.

CONTEÚDO

O Conhecimento das Ciências Sociais: Estudo, formação e desenvolvimento das ciências sociais; Distinção empírica entre as diversas ciências sociais. Método de diferenciação das ciências sociais: naturalismo ou historicismo. O conhecimento prático

da ciência social como produto. A realidade social e a realidade sociológica. Distinção entre as ciências nomotéticas. A Problemática da Separação Interna das Ciências Sociais. A diversidade das orientações teóricas nas ciências sociais: O universo conceptual, Problemas e limitações das ciências sociais. Evolução das Ciências Sociais. O espaço epistemológico e cultural; fatores sócio-políticos; condições institucionais. As ciências sociais nos séculos XIX, XX e XXI. O questionamento da universalidade das ciências sociais. Abertura das ciências sociais; Reformulação da distinção entre Homem-natureza; Superação do Estado como molde analítico; Reformulação entre o universal e o particular; Redefinição das condições de objetividade. A Investigação Científica em Ciências Sociais;

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Celso (org.). Evolucionismo cultural. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- DURKHEIM, Émile. Las formas elementales de la vida religiosa. Madrid, Ed. Akal Universitaria, 1982.
- DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. "Algumas formas primitivas de classificação" In: Durkheim - Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1984
- FRAZER, James. O ramo de ouro. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- MORGAN, Lewis H. A sociedade antiga. Lisboa: Presença, 1980.
- MORGAN, Lewis H. "A sociedade antiga" In: CASTRO, Celso (org.). Evolucionismo cultural. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- SEEGER, Anthony: Os índios e nós - estudos sobre sociedades brasileiras. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980. ("O significado dos ornamentos corporais").

DISCIPLINA: POLÍTICA ENERGÉTICA E MEIO AMBIENTE

EMENTA

Meio ambiente e desenvolvimento, política de preservação e controle ambiental. Instrumentos de política ambiental: política de recursos hídricos. Aspectos políticos, setoriais na utilização da energia. Energia, desenvolvimento e meio ambiente. Tipos de recursos energéticos. Política Nacional de Utilização de Recursos Energéticos. Fontes de energia.

CONTEÚDO

Energia: Conceitos e definições - Evolução energética. Crises energéticas: Causas e efeitos. Busca pela eficiência. Fontes de energia: Energia Renovável e Não-renovável. Reservas e Recursos. Energia x Desenvolvimento x Meio Ambiente. Avaliação energética e econômica dos combustíveis e emissões de poluentes. Consumo de energia. Modelo de Comercialização de Energia. Enquadramento Tarifário e Tarifas. Matriz energética nacional e a Política energética brasileira. Formas alternativas de energia: aspectos econômicos, energéticos e ambientais. Impactos ambientais e degradação dos recursos pela produção e uso de energia. A questão ambiental: panorama mundial e as questões sociais e políticas.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, R.O.B., Tachizawa, T., Carvalho, A.B. Gestão Ambiental. Makron Books, São Paulo, 2002.
- BALESTIERI, J. A. P., Cogeração – geração combinada de eletricidade e calor, Editora da UFSC, Florianópolis, SC, 2002.
- BRAGA, B., Hespanhol, I., Introdução à Engenharia Ambiental. Editora Prentice Hall, 2a ed., São Paulo.
- CAMACHO, F. T., Regulação da Indústria de Gás Natural no Brasil. Editora Interciência, São Paulo, 2004.
- CARVALHO, C. G. Legislação Ambiental Brasileira. Millennium, v.3, 2a ed., 2003.
- GELLER, H. S. Revolução Energética: Política para um Futuro Sustentável. Relume Dumará, 1a ed., 2003,
- HINRICHS, R. & KLEINBACH, M., Energia e Meio Ambiente. São Paulo. Thompson. 2003.
- H. Torres & H. Costa (orgs.): População e meio ambiente: debates e desafios. São Paulo: Editora SENAC, 1999.
- JANNUZZI, G. M. Políticas Públicas para Eficiência Energética e Energia renovável no Novo Contexto de Mercado. Autores Associados. 2000.
- NASCIMENTO, E. P. Os conflitos na sociedade moderna: uma introdução conceitual. In M. Bursztyjn (org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- SIRVINSKAS, L. P. Legislação de Direito Ambiental. Editora Ridel, 1a ed., 2006.

DISCIPLINA: BIOQUÍMICA GERAL

EMENTA

Identificar, comparar e explicar funções de substâncias orgânicas e inorgânicas nos organismos vivos, bem como as suas estruturas, propriedades e transformações destacando os fenômenos bioquímicos, no intracelular.

CONTEÚDO

Introdução à bioquímica: conceitos e aplicações. Química e metabolismo de aminoácidos e proteínas. Química e metabolismo dos glicídeos. Química e metabolismo dos lipídeos. Enzimas. Oxidações biológicas. Integração e regulação metabólica. Princípios de bioenergética. Biossinalização.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

CHAMPE, Pamela C., HARVEY Richard A. Bioquímica Ilustrada. São Paulo. Artes Médicas. 1997.
LENHINGER, Albert. Princípios de Bioquímica. São Paulo. Sarvier. 1995.
MURRAY, Robert, GRANNER Darly, Peter MAYES, RODWELL, Victor. Harper: Bioquímica. São Paulo. Atheneu.

DISCIPLINA: ZOOLOGIA GERAL I

EMENTA

Aplicar as regras de nomenclatura zoológica. Diversidade dos seres vivos e classificação dos grandes grupos estudados na Zoologia. Origem, filogenia, sistemática e aspectos da morfologia, biologia, reprodução, distribuição e evolução dos grupos de invertebrados, com ênfase nos grupos estrategicamente relevantes para a gestão de ecossistemas.

CONTEÚDO

Regras de nomenclatura zoológica. Morfologia, fisiologia, sistemática e biologia dos grupos: protozoa, cnidária, ctenophora, platyhelminthes, nemertinea porífera, rotífera, gastrotricha, nematoda, kinorhyncha, nematomorpha, acanthocephala, entoprocta, annelida, ectoprocta, phoronida, brachiopoda, sipunculida, echiurida, priapulida, mollusca, onychophora, tardigrada, pentastomida e arthropoda.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

Brusca & Brusca (2003). Invertebrates. Invertebrados Brusca, R. C. & G. J. Brusca (2003), "*Invertebrates*" Ref: Sinauer Associates, Inc., Massachusetts, U.S.A.
Rupert, E. E. & R. D. Barnes (1996). Zoologia dos Invertebrados (Trad.). Zoologia dos Invertebrados Rupert, E. E. & R. D. Barnes (1996). Editora Roca, São Paulo, Brasil
Storer, T. I. e Usinger, R. L. 1974. Zoologia Geral. Ed. Nacional/EDUSP, S. Paulo.

DISCIPLINA: ZOOLOGIA GERAL II

EMENTA

Aspectos evolutivos dos Hemichordata, Urochordata e Cephalochordata; Origem dos vertebrados. Morfologia, biologia, ecologia e sistemática dos grupos de vertebrados, com ênfase nos grupos estrategicamente relevantes para a gestão de ecossistemas.

CONTEÚDO

Origem, filogenia, sistemática e aspectos da morfologia, biologia, reprodução e ecologia dos táxons Myxinoidea, Petromyzontoidea, Elasmobranchii, Holocephali, Actinopterygii, Actinistia, Dipnoi, Gymnophiona, Urodela, Anura, Testudinia, Lepidosauria, Archosauria (Crocodilia e Aves) e Mammalia.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- POUGH, F. H.; C. M. JANIS; J. B. Heiser. 2003. A Vida dos Vertebrados. São Paulo: Atheneu, 2003.
ORR, R. T. Biologia dos Vertebrados. São Paulo: Rocca, 1986.
ROMER, A. S.; PARSONS, T. S. Anatomia Comparada dos Vertebrados. São Paulo: Atheneu, 1985.
STORER, T. I.; USINGER, R. L. Zoologia Geral. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1974.

DISCIPLINA: MICROBIOLOGIA GERAL

EMENTA

Características gerais de bactérias e fungos. Morfologia e citologia bacteriana. Vírus. Características gerais dos antimicrobianos. Processamento e análise de materiais. Diversidade dos microrganismos nos diferentes ambientes: solo, ar e água, o papel desempenhado por estes nos ciclos biológicos dos elementos nos ecossistemas, as interações entre os microrganismos e destes com outros organismos, a participação dos microrganismos na poluição ambiental e sua utilização na biotecnologia. Métodos de controle do crescimento de microrganismos.

CONTEÚDO

Microbiologia Geral: Morfologia e citologia bacterianas. Fisiologia bacteriana. Genética bacteriana. Controle de microrganismos por agentes físicos e químicos. Antimicrobianos: classificações, mecanismos de ação e de resistência bacteriana. Fatores de virulência bacteriana. Métodos de estudo bacteriano. Técnicas de preservação de bactérias. Coliformes e colimetria. Fundamentos dos testes de sensibilidade a antimicrobianos. Virologia. Microbiologia prática: Técnicas de esterilização, desinfecção e antissepsia. Métodos de observação microscópica de bactérias (colorações de Gram e Ziel-Neelsen, impregnação pela prata). Meios de cultura, técnicas de semeadura e morfologia de colônias. Técnicas de contagem de bactérias. Identificação de cocos Gram positivos. Identificação de bactérias Gram negativas. Testes de sensibilidade a antimicrobianos. Microbiologia ambiental: Diversidade de microrganismos no ar, no solo e na água. Funções dos microrganismos nos ciclos biológicos. Interações entre microrganismos. Uso dos microrganismos na Biotecnologia.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

LEVINSON, W.; JAWETZ, E. Microbiologia Médica e Imunologia. 7ª. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
MELO, I. S., AZEVEDO, J. L. Ecologia Microbiana. Jaguariúna: Embrapa – CNPMA, 1998
MURRAY, P. R. E colaboradores. Microbiologia Médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2004.
ROTMAN, I., TRAVASSOS, L. R., AZEVEDO, J. L.(Eds). Tratado de Microbiologia. 1991. Vols I e II. São Paulo: Manole, 1991

DISCIPLINA: SISTEMA DE TRATAMENTO DE ÁGUAS E RESÍDUOS

EMENTA

Água como meio ecológico. Usos e requisitos. Qualidade da água. Química da água. Hidrobiologia da água. Fenômenos poluidores das águas. Potabilidade. Esgotos sanitários. Projeto de esgotos sanitários. Reservatórios e distribuição da água. Tratamento de esgotos. Tratamento da água e esgotos: tecnologias.

CONTEÚDO

Distribuição. Características físicas, bacteriológicas, hidrobiológicas e químicas da água: principais parâmetros, formas de medição. Fenômenos poluidores da água. Análise Integrada da qualidade da água. Legislação brasileira sobre qualidade da água. Problemática dos esgotos sanitários. Classificação, caracterização, soluções, diretrizes e projeto dos sistemas de esgotamento sanitário. Implantação do sistema de tratamento sanitário. Captação: de águas superficiais e de águas subterrâneas. Linhas adutoras e órgãos acessórios. Reservatórios de distribuição. Rede de distribuição: recomendações de projeto, dimensionamento, rede ramificada e rede malhada. Método de Hardy-Cross. Características das águas residuárias (vazões, parâmetros de qualidade, concentrações e cargas). Requisitos e padrões de qualidade para efluentes e corpos d'água. Níveis, processos e sistemas de tratamento de esgotos. Princípios do tratamento de esgotos. Pós-tratamento de efluentes de reatores anaeróbios. Lagoas de estabilização e de polimento. Lodos ativados. Filtros biológicos percoladores. Outros processos de tratamento de esgotos. Desinfecção do efluente. Tratamento e disposição do lodo. Hidráulica das estações de tratamento. Tecnologias de tratamento de água. Projeto e dimensionamento de unidades de desinfecção; ETAs padronizadas e compactas.

AVALIAÇÃO

As avaliações serão feitas ao longo do Curso, considerando-se avaliações dos conteúdos práticos e teóricos, participações nos debates, realização das atividades propostas: trabalhos individuais, em grupo e apresentação dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

- ABNT - NB-592 - Projeto de estação de tratamento de água para abastecimento público - Rio de Janeiro ABNT. 1989, 19p.
- DI BERNARDO, Luiz. Métodos e técnicas de tratamento de água. Rio de Janeiro, ABES, 1993. 2 Volumes. 1994, 114p.
- LEMES, F. P. Teoria e Técnicas de Tratamento de Água, São Paulo, CETESB, 1979.
- RICHTER, Carlos A. e AZEVEDO NETO, José M. tratamento de água. São Paulo, Edgard Blücher Ltda, 1991, 332p.
- RICHTER, C. A., Tratamento de Lodos de Estações de Tratamento de Água. São Paulo, Ed. Edgard Blücher Ltda, 2001. 102p.
- ROCHA VIANNA, Marcos, "Hidráulica Aplicada às Estações de Tratamento de Água", 3ª ed. – Belo Horizonte: Imprimatur, 1997, 576p.
- ROCHA VIANNA, Marcos. Casa de química para estações de tratamento de água. Belo Horizonte, IEA Editora., 1994.
- DI BERNARDO, L., DI BERNARDO, A. Ensaios de Tratabilidade de água e dos resíduos gerados em estações de tratamento de água, São Carlos, RiMa, 2002.
- DI BERNARDO, L., Algas e suas influências na qualidade das águas e nas tecnologias de tratamento. ABES, rio de Janeiro, 1995.

DISCIPLINA: GESTÃO ESTRATÉGICA E COMPETITIVIDADE

EMENTA

Os fundamentos da Administração Estratégica. Conceito de Estratégia. Os Tipos de estratégia. Os modelos do processo estratégico. O Modelo de Porter. As vantagens competitivas. O processo de Planejamento Estratégico: etapas e metodologia. Os níveis de Planejamento: Estratégico, Tático e Operacional. Elaboração de cenários. Estudos de casos.

CONTEÚDO

Administração Estratégica: Conceito, Natureza, Objetivos, Técnicas e instrumentos. Planejamento Estratégico: Conceitos, Natureza e Objetivos. As etapas do processo de Planejamento Estratégico. A interface administração estratégica X planejamento estratégico. Elaboração de cenários. Técnicas de elaboração de cenário. Estudos de casos. Jogos de negócios.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- BARNEY, J. B.; HESTERLY, W. S. Administração estratégica e vantagem competitiva. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CERTO, Samuel C.; PETER, J. P. Administração estratégica: Planejamento e implantação da estratégia. 2.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- GAJ, L. O Estrategista. 1.ed. São Paulo: Pearson Education, 2002.
- GHEMAWAT, P. Redefinindo estratégia global: Cruzando fronteiras em um mundo de diferenças que ainda importam. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- GHOSHAL, S.; TANURE, B. Estratégia e gestão empresarial: Construindo empresas brasileiras de sucesso: estudos de casos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- KLUYVER, C. A. de; PEARCE II, J. A. Estratégia: Uma visão executiva. 2.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- KIM, W. C.; MAUBOURNE, R. A estratégia do oceano azul : como criar novos mercados e tornar a concorrência irrelevante. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- LIMA NETTO, R. Empresa rica, empresa pobre: O sucesso está na estratégia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- MARCIAL, Elaine C.; GRUMBACH, Raul J. dos S. Cenários prospectivos: como construir um futuro melhor. 5. ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- PORTER, M. E. Estratégia competitiva: Técnicas para análise de indústrias e concorrência. 2.ed. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- _____. Vantagem competitiva: Criando e sustentando um desempenho superior. 32ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.
- PRAHALAD, C. K. A riqueza na base da pirâmide: Como erradicar a pobreza com o lucro. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- WRIGHT, P.; KROLL, M. J.; PARNELL, J. Administração estratégica: conceitos. 1.ed. 9ª reimpressão. São Paulo: Atlas, 2007.

DISCIPLINA: TÓPICOS ESPECIAIS EM GESTÃO AMBIENTAL

EMENTA

Analisar a relação entre as atividades produtivas e as questões ambientais. Identificando, nos atuais sistemas de gestão ambiental, a articulação entre os interesses econômicos e ambientais, direcionada para o desenvolvimento sustentável.

CONTEÚDO

Desenvolvimento sustentável. Gestão ambiental. Sistemas de gestão ambiental. Aspectos humanos, sociais, tecnológicos, econômicos e organizacionais frente a questão ambiental. Meio ambiente e valor. Ações de preservação ambiental. Tendências e aspectos atuais de preservação, conservação e políticas ambientais.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

BARNES, R. S. K.; CALOW, P.; OLIVE, P. J. W. Os Invertebrados: uma nova síntese. Ed. Atheneu, São Paulo. 1995.

BARBIERE, J. *Gestão ambiental empresarial*. São Paulo: Saraiva, 2004.

BRUNA, Gilda Collet; PHILIPPI, Arlindo; ROMÉRO, Marcelo de Andrade (orgs.). *Curso de Gestão Ambiental*. São Paulo: Manole, 2004.

MAY, P. H.; MOTTA, R. S. da. *Valorando a natureza: análise econômica para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Campus, 1994

DISCIPLINA: GEOLOGIA GERAL

EMENTA

Introdução à geologia. Geologia e meio ambiente. Geologia e seus impactos no ambiente social, político, econômico e empresarial. Formação geológica e peculiaridades do patrimônio geológico brasileiro. Exploração geológica e seus impactos no meio ambiente. Ocupação dos espaços e recursos geológicos.

CONTEÚDO

Introdução à geologia. Tempo Geológico. Composição interna da Terra e Tectônica Global. Rochas Sedimentares e sedimentação. Rochas Ígneas e processos ígneos. Rochas Metamórficas e metamorfismo. Intemperismo. **Deformação da crosta terrestre: dobras e falhas.** Geologia do Brasil. Geologia e meio ambiente. Aplicação da Geologia a problemas ambientais. Impactos ambientais. Geologia Ambiental e o Planejamento. Análises de projetos ambientais. Fenômenos geológicos: vulcanismo; terremotos; movimentos tectônicos e variação do nível do mar; movimentos de massas rochosas; erosão sedimentação; enchentes. Exploração de recursos naturais: limitações dos bens naturais; recursos de água; recursos combustíveis; espécies minerais e a qualidade ambiental; mineração a céu aberto (natureza, extensão e significado no contexto ambiental); rejeitos de mineração. Formas de ocupação e o meio ambiente: urbanização (geotecnia e saneamento); irrigação e drenagem; agricultura intensiva (intensiva e extensiva) barragens; estradas e túneis; planejamento de ocupação do meio físico

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

TEIXEIRA et al. Decifrando a Terra. São Paulo. Oficina da terra. 2000.
LEINZ, V. & AMARAL, S.E. Geologia Geral. São Paulo. Editora Nacional. 1982.
PRESS, F. & SIEVER, K. Earth, W.A. Freeman. 1988. 4a.
UNESCO. Hydrological Effects of Urbanization (Studies and Reports in Hydrology 18). Paris. 1974.
TANK, R. Focus on Environmental Geology" Pub. Oxford University Press. 1973
STRAHEL, A.N. Environmental Geoscience Hamilton. Santa Barbara. 1973.
LEGEET, R.F. Cities and Geology. Mc Graw Hill Book Co New York. 1973.
BRYANT, E. Natural Hazards. Cambridge University Press. Cambridge/UK. 1992
GOUDIE, A. The Human Impact on the Natural Environment Blackwell Publishers, Oxford/UK. 1992.
KELLER, E.A. Environmental Geology. Macmillan P.C., USA. 1992.
MAGALHÃES, L.E. (coord.) A Questão Ambiental. Terragraph Artes e informática São Paulo/SP. 1992.
MULLER-PLATENBERG, C. & AB' SABER, A.N. (orgs.) Previsão de Impactos: O Estudo do Impacto Ambiental no Leste, Oeste e Sul. Experiência no Brasil, na Rússia e na Alemanha. EDUSP. São Paulo/SP. 1994.

DISCIPLINA: PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL

EMENTA

Origem, objetivo e ramos da Psicologia. Evolução das teorias da personalidade. A motivação humana. A importância da motivação humana no trabalho. Liderança: Conceito e Estilo. Os estilos de liderança e as estruturas organizacionais. Comunicação: conceito, processos, fatores determinantes da sua qualidade. A importância da comunicação na organização empresarial. Cultura organizacional. Clima organizacional.

CONTEÚDO

Psicologia: Origem, importância nas organizações, objeto e campos. Teorias da personalidade. A abordagem psicodinâmica. A estrutura e o desenvolvimento da personalidade. A teoria de Jung. A estrutura da personalidade. A aplicação dos testes de personalidade. Motivação humana. Conceitos, teorias e importância para a administração. Fontes de motivação. Teoria do instinto e novas versões.

Teoria do impulso. Teoria da excitação. Teoria do incentivo. Motivação de realização. Relações e conflito entre motivos. A hierarquia de Maslow. Liderança. Conceituação e importância no trabalho. Estilos de liderança e estrutura organizacional. Comunicação nas organizações. Conceituação e importância. Fatores que influenciam a sua qualidade. Formas de comunicação. Como melhorar a comunicação. Cultura e clima organizacional.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

CHIAVENATO, Idalberto. Comportamento Organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações. 2ª. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DAVIDOFF, L. L. Introdução à psicologia. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

BOCK, Ana Mêrces Bahia. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13ª. São Paulo: Saraiva, 2002.

ROBBINS, Stephen P., Comportamento organizacional. 11ª. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

DISCIPLINA: GESTÃO DE PESSOAS I

EMENTA

Cenários da Gestão de Pessoas. Cargos. Provimento de Pessoal. Treinamento e Desenvolvimento de Pessoal. Avaliação do Desempenho Humano. Gestão do Turnover

CONTEÚDO

Cenários da gestão de pessoas (GP): A importância da GP nas organizações. A evolução e o contexto atual da GP. Cenários e perspectivas para a GP. GP por Competências. Gestão estratégica da GP. Cargos: Desenho e descrição de cargos. A importância do desenho de cargo para a ARH. Coleta de dados. Especificação dos cargos. Enriquecimento de cargos. Planejamento de carreira e sucessões. Provimento de pessoal: Recrutamento de Pessoal. Seleção de Pessoal. Treinamento e desenvolvimento de pessoal: Levantamento das Necessidades de Treinamento. Métodos e técnicas de Treinamento. Organizações de Aprendizagem e as Universidades Corporativas. Avaliação do desempenho humano: A necessidade da Avaliação do Desempenho. Tipos de Avaliação. Gestão do turnover: Conceitos. A Gestão da demissão – importância do processo. Entrevista de Demissão. Outplacement.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

CHIAVENATO, Idalberto. Gestão de Pessoas. 2ªed. Rio de Janeiro. Campus, 2005.
LACOMBE, Francisco. Recursos humanos: princípios e tendências. São Paulo. Saraiva, 2005.
HANASHIRO, DARCI M (org). Gestão do fator Humano: uma visão baseada em stakeholders. São Paulo. Saraiva, 2007.
CHIAVENATO, Idalberto. Recursos Humanos: o capital humano das organizações. São Paulo. Atlas, 2004.

DISCIPLINA: GESTÃO DE PESSOAS II

EMENTA

A Globalização e o Mercado de Trabalho. Relações Trabalhistas. Remuneração. Qualidade de Vida do Trabalhador. Tópicos Especiais na Gestão de Pessoas

CONTEÚDO

A globalização e o mercado de trabalho: Os impactos globais nas relações de trabalho. Mercado de trabalho como regulador das práticas de recursos humanos. Precarização da força de trabalho. Terceirização – vantagens e desvantagens. Relações trabalhistas: A origem e a situação atual dos movimentos sindicais. O papel dos sindicatos nas relações trabalhistas. Negociação e Acordo Coletivo. Remuneração: Modelos de Remuneração Fixa. O papel do salário na relação trabalhador x empresa. A Pesquisa salarial. Elaboração da Pesquisa Salarial. Proventos relevantes na composição da remuneração fixa – a folha de pagamento. Modelos e Práticas de Remuneração Variável. Planos de Bonificação, Participação Acionária, Participação nos Lucros da Empresa (PLR) e Remuneração por Competências. Benefícios Sociais. Qualidade de vida do trabalhador: Fatores gerais relacionados à QVT. Higiene do Trabalho. Aspectos físicos da higiene do trabalho. Aspectos psicológicos – estresse, assédio moral, assédio sexual. Doenças ocupacionais e suas prevenções. Segurança no Trabalho. Acidentes de trabalho. CIPA, EPIs e demais formas de prevenção. Tópicos especiais na gestão de pessoas: Abordagem de temas organizacionais emergentes relacionados

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

CHIAVENATO, Idalberto. Gestão de Pessoas. Rio de Janeiro. Campus, 2005. 2ª.
LACOMBE, Francisco. Recursos humanos: princípios e tendências. São Paulo. Saraiva, 2005.
HANASHIRO, DARCI M (org). Gestão do fator Humano: uma visão baseada em stakeholders. São Paulo. Saraiva, 2007.
CHIAVENATO, Idalberto. Recursos Humanos: o capital humano das organizações. São Paulo. Atlas, 2004.

DISCIPLINA: AUDITORIA AMBIENTAL

EMENTA

Origem e Histórico das Auditorias Ambientais. Sistema de gestão ambiental. Planejamento e Condução da Auditoria Ambiental. Normas Ambientais e Auditorias de Certificação de Sistemas de Gestão Ambiental. Estudo da legislação/normas. Execução da auditoria.

CONTEÚDO

Origem da auditoria ambiental. Histórico da auditoria ambiental. Principais benefícios da auditoria . Motivações para auditoria. Os Tipos e Classificações das Auditorias Ambientais. Definições e classificações de auditorias. Auditoria ou análise crítica ambiental. Conformidade (compliance). Auditoria de questões isoladas ou de desempenho. Quanto à execução: Auditoria interna e externa. Funções, responsabilidades e atividades dos atores do processo de auditoria: Auditor líder. Auditor. Cliente. Auditado. Demais membros da equipe de auditoria. Requisitos para qualificação de auditores ambientais. Relação entre os atores do processo de auditoria e os tipos de auditoria. Planejamento da auditoria. Definição dos objetivos e escopo. Definição dos critérios e dos recursos necessários. Preparação Definição da equipe de auditoria. Análise preliminar de documentos. Plano de auditoria. Elaboração/adaptação dos instrumentos de trabalho. Reunião de abertura. Coleta e avaliação das evidências. Processo da auditoria. Realização do relatório de auditoria ambiental. Conteúdo, formato e distribuição do relatório. Plano de ação. Instrumentos para Realização da Auditoria Ambiental. As normas ambientais. A BS 7750 e o EMAS. ISO 14000. NBR ISO 14001 e NBR ISO 14004. NBR ISO 19011:2002. Auditorias de certificação como instrumento de avaliação da conformidade. Como ocorre a certificação pela ISO 14001. Auditoria Ambiental como uma Nova Tendência.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Lucila M. de Souza; LERÍPIO, Alexandre de A. Auditoria ambiental: uma ferramenta de gestão. São Paulo. Atlas. 2009.
SEIFFERT, Mari E. B. ISO 14001 sistemas de gestão ambiental. Implementação objetiva e econômica. São Paulo. Atlas. 2007.
KNIGHT, Alan; HARRINGTON, H. J. A implementação da ISO 14000 – como atualizar o sistema de gestão ambiental com eficácia. São Paulo. Atlas. 2001.

DISCIPLINA: ELABORAÇÃO E GESTÃO DE PROJETOS

EMENTA

Gestão de projetos. Vantagens competitivas. Função dos projetos e sua gestão. Etapas do projeto. Controle. Ciclo de vida do projeto. Ferramentas de gestão de projetos. Rede de atividades. Administração de projetos.

CONTEÚDO

O ambiente que cerca os projetos. Algumas características do mundo empresarial. Busca da competitividade. Vantagens competitivas. Atividades rotineiras e projetos. Aspectos do projeto. Necessidade, identificação, diferenciação, administração e desdobramento de um projeto. Surgimento da necessidade de projeto. Técnicas para seleção entre alternativas. Método paramétrico para tomada de decisão. Concepção de um projeto, Ciclo de vida no projeto: Objetivos e princípios na administração de projeto. Papéis definidos na concepção do projeto. Apoio da visão de processos sobre os projetos nas organizações. A organização e suas funções. Problemas que afetam os projetos em organizações não dirigidas a projetos. Um apoio na visão de processos. Formalização de projetos e aspectos humanos. O detalhamento do escopo do projeto. Pacotes de serviço ou pacotes de trabalho. Uso da EAP. Duração das atividades no projeto. Uma análise de riscos no projeto. Identificação dos custos no projeto. Lista de atividades. Relação de precedências. Rede de atividades: Cálculos das datas do projeto; Identificação de atividades e caminho crítico; Montagem do gráfico de Gantt inicial; Histograma de recursos; Nivelamento de recursos; Gantt final e o baseline do projeto. Execução do projeto. Mecanismos de apoio ao projeto. Certificação como instrumento de avaliação da conformidade. Como ocorre a certificação pela ISO 14001. Auditoria Ambiental como uma Nova Tendência.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- MENEZES, Luis C. de M. Gestão de projetos. 3ª. São Paulo: Atlas, 2009.
MAXIMIANO, Antonio C. A. Administração de projetos: como transformar idéias em resultados. 3ª. São Paulo: Atlas, 2008.
WOILER, Samsão; GONÇALVES, Carlos A. Projetos: planejamento, elaboração e análise. 2ª. São Paulo: Atlas, 2008.
THIRY-CHERQUES, Hermano R. Modelagem de projetos. 2ª. São Paulo: Atlas, 2004.

DISCIPLINA: QUÍMICA GERAL

EMENTA

Teoria atômica. Classificação periódica dos elementos. Interações químicas. Gases, líquidos e sólidos. Soluções. Elementos e compostos químicos.

CONTEÚDO

Teoria atômica: Estrutura atômica. Classificação periódica dos elementos: Periodicidade química. Interações químicas: Ligações químicas e forças intermoleculares. Gases, líquidos e sólidos: Teoria cinética dos gases e efeito da pressão e temperatura, gases reais e ideais, propriedades e conceitos gerais dos líquidos e sólidos. Mudanças de estados. Soluções: Natureza das soluções, concentrações das soluções e processo de solubilização em soluções líquidas. Elementos e compostos químicos. Poluentes químicos e suas fontes.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

SLABAUGH, W. H. e PARSONS, T. D.; Química Geral. 2ª. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
MAHAN, B.M. e MYERS, R.J. Química, Um Curso Universitário, 4ª. São Paulo: Edgard Blücher, 1987.
MASTERTON, W.L.; SLOWINSKI, E. J. e STANITSKI, C. L.; Princípios de Química, 6ª. Rio de Janeiro: LTC, 1990.
ROSENBERG, J.L.; Química Geral. 6ª. São Paulo: McGraw Hill, 1982.

DISCIPLINA: ESTATÍSTICA BÁSICA

EMENTA

Distribuições probabilísticas. Processamento da informação. Inferência de dados. Análise da relação entre variáveis. Análise de Séries Temporais. Análise Multivariada de Dados.

CONTEÚDO

Distribuições probabilísticas: teoria elementar da probabilidade; variáveis aleatórias; distribuições probabilísticas: Binomial, Poisson, Normal, Gama, etc. Processamento da informação: organização da informação, distribuição de frequências, representação gráfica, medidas de posição, de dispersão, de assimetria e de curtose. Inferência de dados: amostragem de dados, testes de hipóteses paramétricos e não paramétricos. Análise da relação entre variáveis: correlação (linear, múltipla e parcial) e regressão (linear, curvilínea e múltipla). Análise de Séries Temporais: análise no domínio do tempo; análise no domínio das frequências e análise espectral. Análise multivariada de dados: análise de componentes principais e análise de agrupamento.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

BUSSAB, W. O. & MORETTIN, P. A. Estatística básica. 4ª. São Paulo: Atual Editora, 1987.
HOEL, P.G. Estatística elementar. Trad. Carlos Roberto Vieira Araujo. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1972.
LIPSCHUTZ, S. Teoria e problemas de probabilidade. Rev. Tec. Helio Migon. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1972.

DISCIPLINA: RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

EMENTA

Identificar e analisar as práticas, as normas e os indicadores que orientam empresas na implantação da responsabilidade socioambiental.

CONTEÚDO

Desenvolvimento sustentável. Responsabilidade Socioambiental: responsabilidade social corporativa e responsabilidade social empresarial. Gestão da responsabilidade socioambiental. Normas nacionais e internacionais.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- SCHMIDHEINY, Stephan. Mudando o Rumo: uma perspectiva empresarial global sobre o desenvolvimento e o meio ambiente. Rio de Janeiro: FGV, 1992.
- DIAS, Reinaldo. Gestão Ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade. São Paulo: Atlas, 2006.
- SCHMIDHEINY, S.; HOLIDAY JR, C; WATTS, P. *Cumprindo o prometido*: casos de sucesso de desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- MCINTOSH, M. et al. *Cidadania corporativa*: estratégias bem sucedidas para empresas responsáveis. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.
- GRAYSON, D.; HODGES, A. *Compromisso social e gestão empresarial*: o que é necessário saber para transformar questões de responsabilidade social em oportunidades de negócios. São Paulo: PubliFolha, 2002.

DISCIPLINA: CÁLCULO

EMENTA

Noções de cálculo diferencial e integral. Noções de álgebra linear. Noções de geometria. Noções de cálculo numérico.

CONTEÚDO

Noções de cálculo diferencial e integral: limites, continuidade, derivada, integral, curvas e Vetores no Plano e no Espaço. Noções de álgebra linear: sistemas de equações lineares, matrizes e determinante; geometria dos espaços vetoriais de dimensão finita e transformações lineares. Noções de geometria: geometria descritiva e geometria plana. Noções de cálculo numérico. Interpolação.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- LEITHOLD, Louis. O Cálculo com Geometria Analítica. 3ª. São Paulo: Harbra, 2002. vol. 1.
LEITHOLD, Louis. O Cálculo com Geometria Analítica. 3ª. São Paulo: Harbra, 2002. vol. 2
SANTOS, Angela Rocha dos; BIANCHINI, Waldecir. Aprendendo Cálculo com Maple: Cálculo de Uma Variável. 1ª. Rio de Janeiro: LTC, 2002.
STEWART, James. Cálculo. 4ª. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. vol. 1.
SIMMONS, Georege Finlay. Cálculo com Geometria Analítica. São Paulo: Makron Books Pearson Education, 2003. vol.2.
ANTON, Howard; Rorres – Álgebra Linear com Aplicações. Porto Alegre: Bookman. 2002.
BARBOSA, J. L. M. Geometria Euclidiana Plana, Coleção Professor de Matemática. 6ª. São Paulo: SBM, 2004.
RUGGIERO, Márcia A. G. e L., ROCHA, Vera L. Cálculo Numérico - Aspectos Teóricos e Computacional. Rio de Janeiro: LTC, 2001.
PRINCIPE JR, Alfredo dos Reis. Noções de Geometria Descritiva Vol.1. São Paulo: Nobel, 2003.

DISCIPLINA: SOCIEDADE E NATUREZA

EMENTA

Os princípios da relação sociedade-natureza e o surgimento da questão ambiental. A racionalização do uso do patrimônio histórico-ecológico no contexto do desenvolvimento econômico. A problemática do meio ambiente e a sua relação com os modelos econômicos da sociedade moderna.

CONTEÚDO

Modernidade. A Sociedade pós-industrial. Sociologia ambiental. Sustentabilidade. Pensamento ecológico. O conceito de cultura em sua relação com o meio ambiente em algumas correntes antropológicas: A Ecologia Cultural, a Antropologia Ecológica. A contribuição da Antropologia. Conservação e a preocupação com a populações tradicionais. As representações do espaço e a conservação da natureza. Os saberes e o poder.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- BUARQUE, C. A desordem do progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro. 4 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.
- CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004
- CAVALCANTI, C. (org.) Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez/Fundação Joaquim Nabuco, 1995.
- DE MASI, D. A Sociedade Pós-Industrial. 3 ed. São Paulo: Ed. Senac, 2000.
- ENGELS, F. A dialética da natureza. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FERREIRA, L. C. (2006) Idéias para uma sociologia da questão ambiental no Brasil. Anablume. São Paulo, 112p.
- GIDDENS, A. Mundo em descontrole; o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.
- JACOBI, P. R. Ciência Ambiental: desafios da interdisciplinaridade. São Paulo: Anablume, 2003.
- LANDES, D. S. Riqueza e a pobreza das nações; por que algumas são tão ricas e outras são tão pobres. Rio de Janeiro, Campus, 1998.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. Natureza e Sociedade: elementos para uma ética da Sustentabilidade. In: Quintas, J. S. (Org) Pensando e praticando a Educação Ambiental na gestão do meio ambiente. 2ª Ed. Ibama. Brasília. 204 p.
- SANTOS, Boaventura S. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1996.
- SANTOS, Milton. Espaço e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1992.
- TOURAINÉ, A. Crítica da Modernidade. Petrópolis, Vozes, 1994.
- TRIGUEIRO, A. (org.). Meio Ambiente no Século 21. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DISCIPLINA: GESTÃO PÚBLICA E MEIO AMBIENTE

EMENTA

Assimetrias na distribuição na sociedade dos custos e benefícios dos bens naturais. Os diferentes setores da sociedade envolvidos na gestão ambiental. O papel do Estado nas questões ambientais. Desafios para a gestão participativa. Os riscos globais do século XXI e suas repercussões no nível local.

CONTEÚDO

Modelos de gestão numa perspectiva histórica. Tendências atuais na gestão pública. Gestão ambiental no Brasil: o processo decisório na Política Ambiental. O modelo atual de gestão ambiental e o papel dos diferentes atores. Instrumentos de gestão pública. Comando e controle. Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA). As representações sociais sobre o meio ambiente. Diferentes interpretações de risco e dano ambiental. Impactos do desenvolvimento sobre populações historicamente vulneráveis no meio urbano e rural.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- BRESSAN, D. Gestão racional da natureza. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- FERRARO JUNIOR, L. A. (Org) Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Vol. 2 Brasília, MMA. 352 p
- LIMA, R.K. & PEREIRA.L. F. Pescadores de Itaipu: meio ambiente, conflito e ritual no litoral do estado do Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF, 1997.
- MARRUL FILHO, S. Crise e Sustentabilidade no Uso dos Recursos Pesqueiros. Brasília: Edições IBAMA, 2003
- MARTINS, H. Para uma sociologia das calamidades revista e ampliada. Revista Episteme, ano II, set 1999, p. 31- 68.
- NEDER,R. O problema da regulação pública ambiental no Brasil: três casos. L.C.Ferreira, E.Viola(orgs). Incertezas de sustentabilidade na globalização. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 217-240.
- PORTO, M.F.S. Estratégias pra um gerenciamento de riscos ambientais contextualizado, justo e participativo. Cadernos de Saúde Coletiva, UFRJ/NESC, Rio de Janeiro, v. 13, n 1, jan-mar 2005. P. 113-130.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- QUINTAS, J. S. (Org) Pensando e praticando a Educação Ambiental na gestão do meio ambiente. 2ª Ed. Ibama. Brasília. 204 p.
- LAYRARGUES, P. P. (coord.) Identidades da educação ambiental brasileira. MMA Brasília. 2004.
- QUINTAS, J. S. Introdução à gestão ambiental pública. Ibama. Brasília. 2005.

DISCIPLINA: GESTÃO DE RECURSOS HIDRICOS I

EMENTA

Manejo de bacias hidrográficas, englobando os problemas com relação à água. Interação entre os componentes do ciclo hidrológico. Comportamento dos componentes do ciclo hidrológico e as perdas de solo em nível de bacias hidrográficas.

CONTEÚDO

Ciclo da Hidrológico, Balanço Hídrico, Morfologia de Bacias Hidrográficas, Precipitação, Infiltração, Hidrologia do Solo, Evapotranspiração e Escoamento Superficial. Bacias Hidrográficas como unidades de ação de manejo. Legislação pertinente. Aplicação e controle da qualidade das águas em rios, lagos e estuários. Outorga de uso de água e respectiva legislação federal e distrital. Conflito de uso de água em bacias e sua mitigação. Sistema de Apoio a Decisão aplicados ao gerenciamento de recursos hídricos. Erosão hídrica. Ciclagem de nutrientes em bacias. Qualidade da água em bacias. Manejo da vegetação e a manutenção do regime hídrico. Comitês e agências de bacia e seu principal e seu papel na gestão dos recursos hídricos. Sistemas de Esgoto de Esgotamento. Características bacteriológicas. Recebimento de efluentes industriais na rede pública. Escoamento de esgoto. Normas de qualidade Processos gerais de tratamento. Custos das estações de tratamento. Concepção de estações de tratamento de água.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

LIMA, Walter de. Princípios de Manejos de Bacias Hidrográficas.
PIRES, F.R.; SOUZA, C.M. Práticas mecânicas de conservação do solo e da água. Viçosa: Suprema, 2006. 216p.
TODD, David Keith. Hidrologia de subterrâneas. São Paulo: E. Blücher, 1959. 318 p.
VILLELA, Swami Marcondes. Hidrologia Aplicada. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975-80. 245p.
VALENTE, O.F.V; Gomes, M.A. Conservação de nascentes: hidrologia e manejo de bacias hidrográficas de cabeceira. Viçosa: Aprenda Fácil, 2005. 210p.

DISCIPLINA: GEOTECNOLOGIAS APLICADAS À GESTÃO AMBIENTAL

EMENTA

Fundamentos do geoprocessamento. Aplicação do geoprocessamento na gestão ambiental.

CONTEÚDO

Fundamentos do geoprocessamento: Bases Cartográficas; Base de dados georreferenciados; Estrutura e funções de um Sistema de Informação Geográfica (SIG); Bases do Sensoriamento Remoto; Sensoriamento Remoto e Sistemas de Informações Geográficas. Aplicação do geoprocessamento na gestão ambiental. Estado da arte e Estudo de casos.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

FITZ, Paulo Roberto. Geoprocessamento sem complicação. Oficina de Textos, São Paulo, SP, 2008.
BATISTELA, Mateus, MORAN, Emilio F. Geoinformação e monitoramento ambiental na América Latina. Ed. Senac, São Paulo, SP, 2008.
JENSEN, John R. Sensoriamento Remoto do Ambiente: Uma Perspectiva em Recursos Terrestres. Ed. Parêntese, tradução pesquisadores do INPE, São José dos Campos, SP, 2009.
MOREIRA, Maurício Alves. Fundamentos do sensoriamento remoto e metodologias de aplicação. 3 ed. atual ampl., Ed. UFV, Viçosa, MG, 2005.

DISCIPLINA: PERÍCIA AMBIENTAL

EMENTA

Legislação ambiental relacionada à prática da perícia; tutela processual do meio ambiente; Definições e aspectos gerais da perícia ambiental. Características da perícia. Tipos de perícia. A perícia judicial. A perícia extrajudicial. A função de Perito e de assistente técnico. Definição e formulação de quesitos. Preparação de Laudo e Parecer. Planejando e desenvolvendo uma perícia: organização, instrumentos e metodologias aplicáveis.

CONTEÚDO

Aspectos jurídicos relacionados à perícia ambiental: Legislação ambiental Brasileira. A tutela processual do meio ambiente. A prova pericial no contexto legal. A Perícia e o Perito no Código do Processo Civil. A lei da ação civil pública (Lei 7347-85). Aspectos gerais da perícia ambiental: Definição de perícia e campos em que se ela se aplica. A perícia ambiental como uma perícia específica. Admissibilidade da perícia. A perícia na esfera civil e criminal. Tipos de Perícia (processual; extraprocessual). A função e distinção entre o Perito e do Assistente Técnico. Escusa, impedimento e suspeição do perito. As etapas que compõe o rito pericial. Formulação e resposta a quesitos. Preparação e confecção de laudos periciais. Preparação e confecção de pareceres técnicos. Deveres e responsabilidades profissionais do Perito. Ética na prática pericial. Etapas de uma perícia ambiental: Leitura e síntese das alegações e contestações. Acesso e demanda a documentos. Diligências no rito pericial (oitivas, vistorias, exames, avaliações). Prazos para desenvolvimento de perícias. Cálculo de honorários do Perito e do Assistente Técnico. Instrumentos e metodologias aplicados à perícia ambiental: Instrumentos de medição. Análises químicas, físicas e biológicas. O uso de imagens como prova pericial (fotografia, aerofotogrametria, imagens de satélite). Metodologias de avaliação de impactos ambientais aplicadas à perícia ambiental. Valoração de danos ambientais no âmbito da perícia. Práticas baseadas em perícias simuladas. Práticas baseadas em casos reais.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- GUERRA, A. J. & CUNHA, S. Avaliação e Perícia Ambiental. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 284p, 1999.
- MEDEIROS JUNIOR, J. R. & FIKER, J. A Perícia Judicial: como redigir laudos e argumentar dialeticamente. São Paulo: Pini, 1996.
- YEE, Z. C. Perícias Rurais & Florestais - Aspectos Processuais e Casos Práticos. Juruá Editora, 182p, 2007.
- RAGGI, J. P. & MORAES, A. Perícias Ambientais: soluções de controvérsias e estudos de casos. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.
- ALMEIDA, J.; PANNO, M. e OLIVEIRA, G. Perícia Ambiental. Rio de Janeiro: Thex, 2003.
- ANTUNES, P. B. 2006. Direito Ambiental. Rio de Janeiro: Lumen Juris. 7ª ed. 988p.

DISCIPLINA: GESTÃO DA QUALIDADE E CERTIFICAÇÕES

EMENTA

Qualidade. Evolução histórica. Sistema de gestão de qualidade. Certificação. Normatização. Auditoria da qualidade. Sistemas integrados. Prêmios da qualidade.

CONTEÚDO

O conceito da qualidade e suas diferentes dimensões. Evolução histórica da qualidade: inspeção, controle estatístico, garantia da qualidade e gestão da qualidade. Conceito de satisfação do cliente: clientes internos e externos. Gestão Total da Qualidade (TQM). Ciclo da qualidade na construção de edifícios. Elementos do sistema de gestão da qualidade em empresas construtoras. Relações entre Suprimentos, Recursos Humanos, Projeto, Produção e Assistência Técnica. Certificação da qualidade. Normas da Série ISO 9000 e sua versão 2000. ISO 14000. Processo de diagnóstico e implementação. Ferramentas de gestão da qualidade: Acordos setoriais. Planos Setoriais da Qualidade. Qualidade na cadeia produtiva. Sistemas evolutivos da qualidade. Auditoria da qualidade: Formação, princípios e práticas dos auditores. Auditoria de terceira parte. Auditoria interna. Planos da qualidade do empreendimento. Interfaces entre sistemas da qualidade do empreendedor, dos projetistas, do construtor e dos fornecedores. Sistemas integrados: qualidade, segurança e gestão ambiental. Prêmios da Qualidade: O PNQ Brasileiro e os Critérios de Excelência para premiação de empresas.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, F.F. & PICCHI, F.A. Itens e Requisitos do Sistema de Qualificação de Empresas de Serviços e Obras – Construtoras (SIQ-Construtoras). Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano. Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade da Construção Habitacional - PBQP-H (versão de 9/9/1999).

ISO-ORGANISATION INTERNATIONALE DE NORMALISATION(a). Committee Draft ISO/CD2 9000: Systèmes de management de la qualité – Principes essentiels et vocabulaire. Paris, AFNOR, mars 1999. 30p. (Projet de norme internationale – Committee Draft n.2)

ISO-ORGANISATION INTERNATIONALE DE NORMALISATION(b). Committee Draft ISO/CD2 9001: Systèmes de management de la qualité – exigences. Paris, AFNOR, mars 1999. 30p. (Projet de norme internationale – Committee Draft n.2)

ISO-ORGANISATION INTERNATIONALE DE NORMALISATION(c). Committee Draft ISO/CD2 9004: Systèmes de management de la qualité – Conseils pour l'amélioration des performances. Paris, AFNOR, mars 1999. 62p. (Projet de norme internationale – Committee Draft n.2)

SINDUSCON-SP. Requisitos do sistema QUALIHAB. São Paulo, Programa Setorial de Projetos e Obras, 1999. (versão de janeiro de 1999)

DISCIPLINA: GESTÃO DE ÁREAS PROTEGIDAS

EMENTA

Importância das áreas naturais e objetivos gerais das áreas protegidas. Histórico e evolução dos objetivos das áreas naturais protegidas. Princípios constitucionais relativos a proteção de áreas naturais protegidas. Estudo das categorias federais de áreas protegidas. Discussão de um Sistema de Unidades de Conservação para o Brasil. Análise da situação e da política de Conservação de Áreas Silvestres no Brasil. Princípios de Planejamento de Áreas Silvestres. Plano de Manejo de Unidades de Uso Indireto. Planos de Manejo de Florestas Nacionais, de Áreas de Proteção Ambiental de Reservas da Biosfera. Programas de Interpretação, Educação e de Extensão Ambiental.

CONTEÚDO

Introdução à proteção de áreas silvestres: Importância das áreas naturais; Objetivos de áreas naturais protegidas; Histórico e evolução das áreas naturais protegidas; Princípios Constitucionais referentes a áreas naturais protegidas. Estudo das categorias de áreas naturais protegidas: Classificação das áreas naturais protegidas à nível federal; Estudo das Unidades de Uso Direto; Estudo das Unidades de Uso Indireto; Equivalência em outros níveis de Governo; Legislação de referência. Discussão de um sistema de unidades de conservação: Sistemas de Unidades de Conservação propostos e em estudos; Análise de possibilidades, obrigações e interesses da União, Estados e Municípios; Proposta de discussão de um Sistema de Unidades de Conservação para o Brasil. Situação das áreas protegidas e política de conservação: Situação dos principais biomas do Brasil e distribuição regional de áreas remanescentes. Localização e situação das unidades das diferentes categorias de áreas protegidas. Análise de distribuição regional e da participação dos diferentes níveis de governo. Importância e contribuição das reservas particulares. Política de Conservação de Áreas Silvestres. Planejamento e manejo de áreas naturais protegidas: Fundamentos de planejamento aplicados a áreas protegidas. Montagem e atuação da Equipe de Planejamento. Roteiro para o planejamento de Unidades de Uso Indireto. Plano de Manejo para Florestas Nacionais, para Áreas de Proteção Ambiental, para Reservas da Biosfera. Elaboração de programas relacionados nos planos de manejo: Programa de interpretação Ambiental. Programa de Extensão Ambiental. Considerações sobre outros programas.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- ARREGUI, J.O. La interpretación y el desarrollo de los Parques Nacionales. Valdivia: Universidad Austral de Chile, 1975. 51p.
- BRASIL. Senado Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1978.
- CESP. Legislação de Conservação da Natureza. 4. ed. São Paulo: Cesp, 1986. 720p.
- CONAMA. Legislação básica do Conselho Nacional do Meio Ambiente. CONAMA. Brasília: SEMA, 1988a 45p.
- SEMA. Resoluções do CONAMA. 2.ed. Brasília, Ministério da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente., 1988 b. 98p.
- IBAMA. Ante Projeto de Lei que dispõe sobre o Sistema Nacional de Conservação, elaborada pela DIREC-IBAMA: (Primeira Versão) aprovada em 28.06.90. Brasília, 1990. 11p.
- DESHLER, W.O. Una guía para la aplicación del concepto de uso múltiple a la problemática del manejo de bosques y áreas silvestres. Santiago, FAO, 1978. 78p.(Documento Técnico del Trabajo, n. 1. Proyecto FAO-RLAT/TF,1990).
- DIAS,A.G.;MOURA NETTO,B.V. MARCONDES,M.A.P. Trilha interpretativa do Rio Taquaral: Parque Estadual de Carlos Botelho. Boletim Técnico do Instituto Florestal, São Paulo, 1:11-32, 1986.
- FAO. National parks planning: a manual with annotated examples. Rome: 1988. 105 p. (Conservation guide, 17).
- HYPKIC, LOOMIS JUNIOR, T.E. Manual para la interpretación del ambiente em áreas silvestres. Turrialba, CATIE, 1981. 38p.(informe Técnico, 15).
- IBAMA/FATEC. Plano de manejo para a floresta nacional de Canela. Santa Maria, IBAMA/FATEC, 1989. 239p.
- IBAMA/MINTER. Unidades de Conservação do Brasil. Brasília: IBAMA, 1989. 182p.
- BDF/FBCN. Plano de manejo: Parque Nacional do Araguaia. Brasília: IBDF, 1981a, 103 p.
- BDF/FBCN. Plano de manejo: Parque Nacional do Iguaçu. Brasília: IBDF, 1981b. 104 p.

BDF/FBCN. Plano de manejo: Parque Nacional da Tijuca. Brasília: IBDF, 1981e. 113p.

BDF/FBCN. Plano do sistema de conservação do Brasil: II Etapa. Brasília: IBDF, 1982. 173p.

RIZZINI.E. & KANIAK.V.C. Princípios básicos de manejo e administração de áreas silvestres. Curitiba: Instituto de Terras, Cartografia e Florestas, 1986. 56p.

MOSELEY, J.J. THELEN, K. D. Planificación de Parques Nacionales: guia para la preparación de planos de manejo para parques nacionales. Santiago: FAO, 1974. 43p. (Documentos Técnicos de Trabajo, 15. Proyecto FAO-RLAT/TF,1990).

MOSELEY,J.J. & THELEN,K.D. Áreas de proteção ambientais: abordagem histórica e técnica. Brasília, SEMA, 1987. 45p.

THELEN, K. D. MILLER, K. Planificación de sistemas de áreas silvestres: guia para la planificación de sistemas de áreas silvestres, con una aplicación a los Parques Nacionales de Chile. Santiago: Corporación Nacional Forestal de Chile, 1976. 62p.(Documento Tecnico de Trabajo, 16. Proyecto FAO-RLAT/TF, 1990).

DISCIPLINA: PLANEJAMENTO TERRITORIAL

EMENTA

Geografia: função, aspectos, dinâmica. Geopolítica: espaço, políticas territoriais, reorganização do território. Espaço, poder, ideologia. Sociedade e desenvolvimento. Geografia e distribuição populacional.

CONTEÚDO

Os aspectos geográficos do planejamento territorial, as escalas de investigação, os diagnósticos, a dinâmica e os contextos de ordem econômica e social. As políticas de planejamento territorial. Os impactos e a gestão ambiental. O planejamento territorial no Brasil: modelos e perspectivas. Planejamento urbano e territorial. Governabilidade, pobreza, poder e aspectos sociais.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- BARRIOS, S. et al. A Construção do espaço. São Paulo: Ed. Nobel 1989.
- COSTA, W. M. da. Geografia política e geopolítica. São Paulo: Hucitec, 1992.
- COSTA, W. M. O estado e as políticas territoriais no Brasil. São Paulo: Contexto, 1988.
- CASTRO, I. E. et al. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.
- CASTRO, I. E. et al. Brasil: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- CLAVAL, P. Espaço e poder. Rio de Janeiro: Zahar Editores S. A., 1979.
- CORREA, R. L. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- FAISSOL, S. O Espaço, território, sociedade e desenvolvimento brasileiro. Rio de Janeiro: IBGE, 1994.
- GOMES, P. C. da C. A condição urbana - Ensaio de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- HAESBAERT, R. Des-territorialização e identidade. Niterói: EDUFF, 1997.
- HAESBAERT, R. Territórios alternativos. São Paulo: Contexto, 2002.
- MÜLLER-PLANTENBERG, C.; AB'SABER, A. N. Previsão de impactos. São Paulo: EDUSP, 1994.
- RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- SOUZA, M. J. L. de. Mudar a Cidade. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- SOUZA, M. J. L. de. O Desafio Metropolitano. Um estudo sobre a problemática Sócioespacial nas Metrópoles Brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- SOUZA, M. J. L. de; RODRIGUES, G. Planejamento Urbano e Ativismos Sociais. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.
- VALLADARES, L., COELHO M. P. (org). Governabilidade e Pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

DISCIPLINA: ETNOCONSERVAÇÃO (OPTATIVA)

EMENTA

Diferentes práticas de conservação dos recursos naturais realizadas pelas populações humanas. Etnoecologia aplicada à conservação.

CONTEÚDO

Teoria etnoecológica. Conhecimento Ecológico Tradicional (TEK). Etnoecologia abrangente e etnoconservação. Pesquisa qualitativa e quantitativa. Forrageamento ótimo Etnoconservação e Áreas Protegidas.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- AMOROZO, M. C. M. et al. (Eds.) Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro: UNESP, 2002.
- BEGOSSI, A. & Garavello, J. C. (1990) Notes on the ethnoichthyology of fishermen from the Tocantins river. *Acta Amazônica*. V. 20: (único): 341-351.
- BEGOSSI, A. (1993) *Ecologia Humana: Um Enfoque das Relações Homem-Ambiente*. Interciencia. V. 18(1): 121-132.
- BEGOSSI, A. (2006) Temporal stability in fishing spots: conservation and co-management in Brazilian artisanal coastal fisheries. *Ecology and Society*. 11(1): 5. [online] URL: <http://www.ecologyandsociety.org/vol11/iss1/art5/>
- BEGOSSI, A. (2008) Local knowledge and training towards management. *Env Dev Sustain*. V. 10:591–603.
- BERKES, F. (1985) Fishermen and "the tragedy of the commons". *Environmental Conservation*. V. 12(3): 199-206.
- BERKES, F.; Folke, C. & Gadgil, M. (1995) Traditional ecological knowledge, biodiversity, resilience and sustainability. In: Perrings, C. S.; Müller, K. G.; Folke, C.; Holling, C. S. & Jansson, B. O. (Eds.). *Biodiversity conservation: problems and policies*. Dordrecht, Kluwer Academic.
- BERKES, F.; Kislalioglu, M.; Folke, C. & Gadgil, M. (1998) Exploring the Basic Ecological Unit: Ecosystem-like Concepts in Traditional Societies. *Ecosystems*. V. 1(5): 409-415.
- DIEGUES, A. C. & Nogara, P. J. (1994) O nosso lar virou parque: estudo sócio-ambiental. 2ª Ed. Hucitec: NUPAUB. São Paulo. 165 p. KORMONDY, E.J. & BROWN, D.E. *Ecologia humana*. Atheneu Editora São Paulo, 2002, 503 p
- DIEGUES, A. C. S. (2000) O mito da natureza intocada. 3ª Ed. Hucitec. São Paulo. 161 p.
- DIEGUES, A. C.; & Viana, V. M. (2004) Comunidade tradicionais e manejo dos recursos naturais na mata atlântica. 2ª Ed. Hucitec: NUPAUB. São Paulo. 273 p.
- DIEGUES, A.C. (1988) A pesca artesanal no Litoral Brasileiro: cenários e estratégias para sua sobrevivência. *Proposta*. V. 38: 2-35.
- FEENY, D.; BERKES, F.; McCay, B.J. & Acheson, J.M. (1990) The tragedy of the commons: Twenty-two years later. *Human Ecology*. V.18 (1): 1–19.
- MARTIN, G. J. *Ethnobotany: a methods manual*. New York: Chapman and Hall, 1995, 276p.
- MOURA, F. B. P. & MARQUES, J. G. W. (2007) Conhecimento de pescadores tradicionais sobre a dinâmica espaço-temporal de recursos naturais na Chapada Diamantina, Bahia. *Biota Neotrop*. V 7(3): 119-126.
- MOURÃO, J. S. & NORDI, N. (2003) Etnoictiologia de pescadores artesanais do estuário do rio Mamanguape, Paraíba, Brasil. *B. Inst. Pesca*, São Paulo. V. 29(1): 9-17.
- MOURÃO, J. S. & NORDI, N. (2006) Pescadores, peixes, espaço e tempo: uma abordagem etnoecológica. *Interciencia (Caracas)*. V. 31: 358-363.
- OSTROM, E.; BURGUER, J.; FIELD, C. B.; NORGAARD, R. B. & POLICANSKY, D. (1999) Revisiting the commons: local lessons, global challenges. *Science*. V. 284: 278-282.
- RAMIRES, M.; MOLINA, S. M. G.; HANAZAKI, N. (2007) Etnoecologia caçara: o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca Biotemas. V.20 (1): 101-113.
- SILVANO, R. A. M. & BEGOSSI, A. (2005) Local knowledge on a cosmopolitan fish Ethnoecology of *Pomatomus saltatrix* (Pomatomidae) in Brazil and Australia. *Fisheries Research*. V. 71: 43–59.

- SILVANO, R. A. M.; MACCORD, P. F. L.; Lima, R. V. & Begossi, A. (2006) When does this fish spawn? Fishermen's local knowledge of migration and reproduction of Brazilian coastal fishes. *Environ Biol Fish.* V. 76: 371-386.
- SMITH, A. H. & BERKES, F. (1991) Solutions to the "Tragedy of Commons: Sea-urchin management in St Lucia, West Indies. *Environmental conservation.* V.18(2): 131-136.
- TOLEDO, V. M. (1990) La Perspectiva Etnoecológica: Cinco Reflexiones Acerca de las "Ciencias Campesinas" Sobre la Naturaleza con especial Referencia a México. *Ciências.* V. 4: 22-29.
- TOLEDO, V. M. (1992) What is ethnoecology? Origins, scope and implications of arising discipline. *Etnoecológica.* V. 1: 5-21.

DISCIPLINA: PROJETOS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL (OPTATIVA)

EMENTA

Estudo, desenvolvimento e avaliação de projetos em Educação Ambiental.

CONTEÚDO

Diagnósticos sócio-ambientais. Pesquisa qualitativa, Pesquisa-ação, Indicadores de resultados. Metodologias de elaboração de projetos. Estudos de caso.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, C. R. O ambiente, o sentimento e o pensamento: dez resgates de idéias para pensar as relações entre eles e o trabalho do educador ambiental. In: Cadernos do IV Fórum de Educação Ambiental/ I Encontro da Rede Brasileira de Educação Ambiental. Rio de Janeiro: INESC, 1997.
- BRANDÃO, C. R. Pesquisa participante. In Ferraro Junior, L. A. (Org) Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. 2006. V. 1 MMA. Brasília. 358 p.
- DEMO, P. (2001) Pesquisa e informação qualitativa: Aportes metodológicos. Papirus. Campinas. 144 p.
- DENZIN, N. K. O. (2006) Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Artmed. Porto Alegre. 432 p.
- EZPELETA, J. & ROCKWELL. Pesquisa participante. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.
- GANDIN, D. A. Prática do Planejamento Participativo. Petrópolis,RJ: Vozes. 1999.
- MARONE, N. R. C.; PERALTA, C.; WLAGENBACH, W. Projetos de Educação Ambiental na região de Rio Grande, RS. Ambiente & Educação, Revista de Educação Ambiental da FURG, v. 1, p. 13-26, 1996 MMA. Educação Ambiental. Programas e projetos. Educomunicação. Disponível em: www.mma.gov.br.
- ROSA, A. V. Projetos em Educação Ambiental. In: Ferraro Junior, L. A. (Org) Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. V. 2 Brasília, MMA. 2007. 352 p.
- THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-Ação. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2002
- TOZONI-REIS, M. F. C. Pesquisa-ação. In Ferraro Junior, L. A. (Org) Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. 2006. V. 1 MMA. Brasília. 358 p.
- VASCONCELLOS, C. S. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 2005. 205 p.

DISCIPLINA: BIOGEOGRAFIA (OPTATIVA)

EMENTA

Distribuição geográfica dos organismos. Como as espécies e táxons superiores são distribuídas e porque a composição taxonômica da biota varia de uma região para outra.

CONTEÚDO

Importância da análise filogenética. Padrões geográficos. Causas da distribuição geográfica. Indicações utilizadas na biogeografia histórica: paleontologia e sistemática. A história e composição de biotas regionais. Variações regionais na diversidade de espécies. As origens dos grupos dominantes.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

FUTUYMA, D.J. 1992. *Biologia Evolutiva*. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética. 631p.
RIZZINI, C.T. 1997. *Tratado de Fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos*. Rio de Janeiro: Âmbito cultural edições Ltda. 747p

DISCIPLINA: GESTÃO DE MARCAS (OPTATIVA)

EMENTA

Importância, conceito e evolução da marca. Escolha da marca e gestão. Construção do valor da marca na perspectiva da empresa. Construção do valor de marca na perspectiva do consumidor e aspectos simbólicos dos bens. Manutenção e ampliação do valor de marca. Mensuração da marca.

CONTEÚDO

Marca. Valor. Conceito. Estratégia. Componentes da marca e do valor. Atributos, características, benefícios e associações da marca. Arquitetura das marcas. Identidade e posicionamento da marca. Imagem e reputação. Preferência da marca pelo consumidor. Aspectos simbólicos da marca. Extensão de marca. Internacionalização da marca. Valor da marca e mensuração. Marca e accountability. Marca e cultura. Marca e consumo. Marca e identidade.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

MATTAR, Fauze N. (org). Gestão de produtos, serviços, marcas e mercados. São Paulo: Atlas, 2009.
CALKINS, Tim; TYBOUT, Alice. Branding. São Paulo: Atlas, 2006.
BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
TROIANO, Jaime. As marcas no divã. Rio de Janeiro: Globo, 2009.
TAVARES, Mauro Calixta. Gestão de Marcas. São Paulo: Harbra, 2008.

DISCIPLINA: AGROECOLOGIA (OPTATIVA)

EMENTA

Impactos ambientais da agricultura convencional. Introdução à agroecologia. Práticas agroecológicas.

CONTEÚDO

Impactos ambientais da agricultura convencional: Degradação do solo; Contaminação do solo e da água; Monocultura e quebra do equilíbrio ecológico; Uso de fertilizantes químicos, herbicidas, agrotóxicos e pesticida; Irrigação e desperdício de água; Perda de diversidade genética; Avanço sobre ecossistemas e biomas e perda de biodiversidade. Introdução à agroecologia: conceito de agroecossistema; estrutura e funcionamento de ecossistemas naturais; agroecossistemas. Práticas agroecológicas: manejo ecológico do solo; arranjo ecológico de cultivos; manejo ecológico de ervas, doenças e pragas. Água e irrigação em sistemas agroecológicos.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

GLIESSMAN, Sphen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2. ed., Ed.Universidade/UFRGS, Porto Alegre, 2001.

AQUINO, Adriana Maria, Assis, Renato Linhares. Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Embrapa Informação Tecnológica, Brasília, DF, 2005.

SOUZA, Jacimar Luis, RESENDE, Patrícia. Manual de horticultura orgânica. 2 ed. atual e ampl., Aprenda Fácil, Viçosa, MG, 2006.

DISCIPLINA: SENSORIAMENTO REMOTO APLICADO AO ESTUDO DE ECOSISTEMAS E BIOMAS (OPTATIVA)

EMENTA

Fundamentos do sensoriamento remoto. Aplicações no estudo de ecossistemas e biomas.

CONTEÚDO

Fundamentos do sensoriamento remoto: Radiação solar e terrestre; Interação da radiação com a atmosfera; Interação da radiação com o solo; Interação da radiação com a vegetação; Interação da radiação com a água; Satélites ambientais e sensores. Aplicações no estudo de ecossistemas e biomas. Estado da arte. Estudo de casos.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- MOREIRA, Maurício Alves. Fundamentos do sensoriamento remoto e metodologias de aplicação. 3 ed. atual ampl., Ed. UFV, Viçosa, MG, 2005.
- JENSEN, John R. Sensoriamento Remoto do Ambiente: Uma Perspectiva em Recursos Terrestres. Ed. Parêntese, tradução pesquisadores do INPE, São José dos Campos, SP, 2009.
- FERREIRA, Nelson Jesus. Aplicações Ambientais Brasileiras dos Satélites NOAA e TIROS-N. Ed. Oficina De Textos, São Paulo, SP, 2009.
- RUDORFF, B. F. T.; Shimabukuro, Y. E.; Ceballos, J. C.. O Sensor MODIS e suas Aplicações Ambientais no Brasil. Ed. Oficina De Textos, São Paulo, SP, 2007.
- PONZONI, Flávio Jorge, Shimabukuro, Yosio Edemir. Sensoriamento remoto no estudo da vegetação. A. Silva Vieira Ed., São José dos Campos, SP, 2007.

DISCIPLINA: PSICOLOGIA DAS RELAÇÕES HUMANAS (OPTATIVA)

EMENTA

O indivíduo. O grupo. As comunicações nas relações humanas. Problemas nas relações humanas. Tensões nas relações humanas. Tipos de soluções dos problemas de relações humanas.

CONTEÚDO

O indivíduo. O grupo. As comunicações nas relações humanas: esquema de uma comunicação, tipos de comunicações, barreiras nas comunicações. Problemas nas relações humanas: saída de um membro do grupo, entrada de um novo membro no grupo, distância social, clima social, rivalidades, limitações da liberdade, frustrações, pressão do grupo. Tensões nas relações humanas: conceito de tensão, tipos de tensão. Tipos de soluções dos problemas de relações humanas.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

FRITZEN Jose S. Exercícios práticos de dinâmica de grupo. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. Janela de Johary. Petrópolis: Vozes, 1992.

MINICUCCI, Agostinho. Relações humanas: psicologia das relações interpessoais. São Paulo: Atlas, 1982.

MOSCOVICI, Felá. Desenvolvimento interpessoal. Rio de Janeiro: LTC, 1985.

RODRIGUES, Aroldo. Psicologia social para principiantes: estudo da interação humana. Petrópolis: Vozes, 1995.

WEIL, Pierre. Relações humanas na família e no trabalho. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. Amar e ser amado: a comunicação no amor. Petrópolis: Vozes, 1995.

DISCIPLINA: COMPORTAMENTO ÉTICO NAS ORGANIZAÇÕES (OPTATIVA)

EMENTA

Perspectivas filosóficas das doutrinas éticas Visão geral da ética empresarial. Ética e Globalização. Cultura organizacional e ética. Relacionamentos organizacionais e conflitos nas tomadas de decisão. Ética e desempenho nas organizações. Códigos de ética.

CONTEÚDO

Ética e Moral: etimologia, definição. A ética como ciência. A ética na Grécia clássica – Sócrates, Platão e Aristóteles. Ética Kantiana – ética do dever. Perspectiva histórica dos estudos em ética empresarial. A evolução do conceito de ética empresarial no Brasil e no mundo. Globalização, Cultura e ética nas organizações. Ética, liderança e gestão de pessoas nas organizações. Ética e desempenho organizacional. Ética no processo de tomada de decisão organizacional. Ética em marketing, vendas, finanças e produção. Ética e responsabilidade socioambiental. O processo de construção de códigos de ética nas organizações

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- PEGORATO, Olinto. Introdução à ética contemporânea. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2005.
- FERRELL, O. C. FRAEDRICH, J. FERRELL, L. Ética empresarial. Dilemas, tomadas de decisões e casos. 4 ed. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso editores, 2001.
- ARRUDA, M. C. C. WHITAKER, M. C. RAMOS, J. M. R. Fundamentos de Ética Empresarial e Econômica. São Paulo: Atlas, 2001.
- ARNSPERGER, C. VAN PARIJS, P. Ética econômica e social. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- MORIN, Edgar. O método 6 – ética. Editora Sulina, 2007.
- BOFF, Leonardo. Ethos Mundial. Um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- RIOS, T. A. Ética e competência. 14 ed. São Paulo: Cortês Editora, 2004.
- DEMO, Pedro. Éticas multiculturais. Sobre a convivência humana possível. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CHOMSKY, N. O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e ordem global. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- NASH, L. L. Ética nas Empresas. São Paulo: Makron, 1998.

DISCIPLINA: DINÂMICA DE GRUPO (OPTATIVA)

EMENTA

Lewin e a dinâmica de grupo. O estudo da estrutura e da organização de grupos. Processos grupais e técnicas de dinâmica de grupo.

CONTEÚDO

Introdução: Kurt Lewin e a dinâmica de grupo. O estudo da estrutura e da organização de grupos: classificação dos pequenos grupos; funções e objetivos de grupo; ideologia de grupo. Processos grupais: coesão; liderança; comportamento desviante; resistência à mudança; comunicação. Técnicas de dinâmica de grupo: objetivo; a escolha da técnica; aplicação adequada da técnica; fechamento; cuidados necessários na condução de uma dinâmica de grupo.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- BEAL, G M; BOHLEAN, J. M.; RAUDABAUGH, J. N. Liderança e dinâmica de grupo. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.
- BION, W. R. Experiências com grupos. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- DEL PRETE, Z.A.P.; DEL PRETE, A. Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FRITZEN, S. J. Exercícios práticos de dinâmica de grupo. Petrópolis: Vozes, 1999. Vol. 1 e 2.
- LAPASSADE, G. grupos, organizações e instituições. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- LEWIN, Kurt. Problemas de dinâmica de grupo. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MAILHIOT, G.B. Dinâmica e g~enese dos grupos. São Paulo: Duas Cidades, 1991.
- MINICUCCI, A. Técnicas de trabalho de grupo. São Paulo: Atlas, 1987.
- _____. Dinâmica de grupo: teorias e sistemas. São Paulo: Atlas, 1991.
- MORENO, J.L. Psicoterapia de grupo e psicodrama. São Paulo: Mestre Jou, 1974.
- PICHON-RIVIERE, E. O processo grupal. São Paulo: Martins fontes, 1980.

DISCIPLINA: ORÇAMENTO PÚBLICO (OPTATIVA)

EMENTA

Introdução. Processo de planejamento-orçamento. Princípios orçamentários. Ciclos orçamentários. Classificação orçamentária. Orçamento-programa. Créditos adicionais.

CONTEÚDO

Introdução: significado e definição, breve nota histórica, evolução conceitual. Processo de planejamento orçamentário: plano plurianual, lei das diretrizes orçamentárias, lei dos orçamentos anuais (fiscal, das estatais e da seguridade social). Princípios orçamentários: programação, unidade, universalidade, anualidade, exclusividade, clareza, equilíbrio. Ciclo orçamentário: elaboração, estudo e aprovação, execução, avaliação. Classificação orçamentária: despesa. Receita. Orçamento programa: conceito, definição de objetivos, análise de alternativas, estrutura programática, mensuração e os cursos.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, B de. Contabilidade Pública. São Paulo: Atlas, 2000.
GIACOMON, J. Orçamento público. São Paulo: Atlas, 2002.
LA ROQUE, G. de Contabilidade pública. Rio de Janeiro: A casa do Livro, 2001.
WILKEN, E. da S. Técnicas orçamentárias e contabilidade pública (manual de contabilidade pública). Rio de Janeiro: Aurora, 2001.

DISCIPLINA: EMPREENDEDORISMO (OPTATIVA)

EMENTA

Conceituação e importância do Empreendedorismo. Perfil do empreendedor e do gestor tradicional. Modelos teóricos do empreendedorismo. Desenvolvendo habilidades empreendedoras: análise transacional (análise da estrutura da personalidade, análise funcional e análise das transações). Desenvolvendo habilidades empreendedoras: habilidades sociais. Desenvolvendo habilidades empreendedoras: resolução criativa de problemas e tomada de decisão. Estresse e estratégias de *coping*. Características e problemas da pequena empresa. Início de um plano empreendedor.

CONTEÚDO

Pré-teste, Conceituação e Importância do Empreendedorismo: Apresentação do professor e dos colegas e início da integração do grupo; Apresentação do programa, conceituação e importância do empreendedorismo; Perfil do empreendedor e do gestor tradicional. Modelos Teóricos: A perspectiva psicológica; As teorias situacionais. Desenvolvendo Habilidades Empreendedoras: Análise Transacional (AT): Análise das estruturas de personalidade segundo a AT; Análise funcional; Análise das transações (comunicação interpessoal). Desenvolvendo Habilidades Empreendedoras: Habilidades Sociais: Importância e dimensões da habilidade social; Mediação de conflitos, estimulação de cooperação, negociação e influência social através do emprego de diferentes bases de poder. Desenvolvendo Habilidades Empreendedoras: Resolução Criativa de Problema e Tomada de decisão: Criatividade; Estresse e Estratégias de Coping: Características e Problemas da Pequena Empresa. Iniciar um Plano Empreendedor e Pós-teste: Estratégias; Exposição; Avaliação: Análise crítica do pré-teste; Desempenho nas vivências grupais; O começo do plano empreendedor.

AValiação

As avaliações serão feitas ao longo do Curso, considerando-se avaliações dos conteúdos práticos e teóricos, participações nos debates, realização das atividades propostas: trabalhos individuais, em grupo e apresentação dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

DOLABELA, F.; FILION, L. J. (Orgs). Boa Idéia! Plano de negócio, o caminho seguro para criar e gerenciar a sua empresa. São Paulo: Cultura, 2000.

DOLABELA, F. Oficina do empreendedor. São Paulo: Cultura, 1999.

DOLABELA, F. O segredo de Luísa. São Paulo: Cultura, 1999.

SILVA, A. M.M.; SANABIO, S. M. S. Empreendedorismo. Apostila. 2002

SALIM, C. S. e outros. Construindo Planos de negócios: todos os passos necessários para planejar e desenvolver negócios de sucesso. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

SANTANA, J. Como entender o mundo dos negócios: qualidades do empreendedor, a empresa, o mercado. Brasília: Edição SEBRAE. Série Empreendedor. Volume I. 1993.

SANTANA, J. **Como planejar a sua empresa**: roteiro para plano de negócios. Brasília: Edição SEBRAE. Série Empreendedor. Volume II. 1993.

SANTANA, J. **Como abrir e administrar sua empresa**: registro da firma, registro da marca, organização do negócio. Brasília: Edição SEBRAE. Série Empreendedor.

SEBRAE. **Referenciais para uma nova práxis educacional**. Série documentos. Brasília: edição SEBRAE. 2001.

DISCIPLINA: INTRODUÇÃO À SEGURANÇA NO TRABALHO (OPTATIVA)

EMENTA

Conceituação de higiene e segurança do trabalho. O acidente do trabalho. O homem no trabalho. Recursos de segurança. O ambiente de trabalho. A administração dos serviços de segurança do trabalho.

CONTEÚDO

Conceituação de higiene e segurança do trabalho: conceitos básicos, histórico, os serviços de segurança, os cuidados individuais, o administrador e a higiene e a segurança do trabalho. O acidente do trabalho: normas de segurança, conceitos técnicos, conceitos legais, normas básicas de segurança do trabalho. O homem no trabalho: normas de higiene do trabalho, causas do acidente, condições inseguras, normas de higiene. Recursos de segurança: os recursos de segurança, a proteção individual – equipamentos, tipos e usos. O ambiente de trabalho: ergonomia, o ambiente de trabalho, aplicações da ergonomia, um sistema ergonômico. A administração dos serviços segurança do trabalho: organização de um CIPA; organização de um serviço de segurança do trabalho.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- CAMERON, O. Accident Pronesses. London: Acid Anual & Prev. 1989.
- COHEN, J. Probabilidade subjetiva, In: MESSICK, D. O pensamento matemático nas ciências do comportamento. Rio de Janeiro: Rennas, 1973.
- DELA COLETA, J. A. A análise do trabalho e determinação de critérios em psicologia aplicada. Arquivos brasileiros de psicologia aplicada. Rio de Janeiro, 1972.
- _____. A importância da seleção e treinamento do trabalho na prevenção de acidentes. Revista brasileira de saúde ocupacional, 1974.
- _____. Acidentes no trabalho. São Paulo: Atlas, 1989.
- _____. Atribuições e responsabilidades por um acidente: um estudo exploratório. Arquivos brasileiros de psicologia aplicada. Rio de Janeiro, 1980.
- _____. O psicólogo frente aos acidentes de trabalho. Revista brasileira de saúde ocupacional, 1978.
- _____. Perspectivas do trabalho do psicólogo na prevenção de acidentes de trabalho. In: congresso Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho, 1978.
- _____. Estudo de cartazes de segurança. Revista brasileira de saúde ocupacional, 1983.
- DELA COLETA, J. A *et al.* As causas de acidentes de trabalho para operários acidentados e não acidentados, chefes e supervisores de segurança. Revista brasileira de saúde ocupacional, 1986.
- EYSENK, H. J. Fato e ficção na psicologia. São Paulo: IBRASA, 1968.

DISCIPLINA: MERCADO FINANCEIRO (OPTATIVA)

EMENTA

Processo de formação poupança-investimento. Estrutura e dinâmica do mercado financeiro. Mercado de crédito monetário. Mercado de capitais. Bolsa de valores. Bolsa de mercadorias e futuros.

CONTEÚDO

Mercado financeiro, sua estrutura e títulos disponíveis: liquidez do mercado, estrutura do mercado, instituições financeiras, tipos de títulos. Mercado de crédito. Mercado monetário. Mercado cambial. Mercado de capitais: mercado de ações e abertura de capital, mercado primário, mercado secundário, bolsa de valores e bolsa de mercados futuros. Gerenciamento de carteiras e mensuração de performance: eficiência de mercado, formação e gerenciamento de carteiras, modelos de mensuração.

AValiação

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

- DAMORADAN, A. Avaliação de investimentos. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000. DE SÁ, G. T. Mercado de ações e bolsa de valores. São Paulo: Aplicação técnica, 1999.
- DE SÁ, G. T. Investimentos no mercado de capitais. São Paulo: Aplicação técnica, 1999.
- IBMEC. Introdução ao mercado de capitais. Rio de Janeiro: IBMEC, 1998.
- OLIVEIRA, M.D.B. Introdução ao mercado de ações. São Paulo: CNBV, 1997.
- FILHO, A. M. Mercado de commodities. São Paulo: Atlas, 1996.
- FORTUNE, E. Mercado financeiro. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.
- BVRJ. Mercado futuro sem mistérios. Rio de Janeiro: BVRJ, 1993.
- RIHEL, Hein; RODRIGUES, Rita M. Cambio e mercados financeiros. São Paulo: Atlas, 1991.
- RUDGE, L. F.; CAVALCANTE, F. Mercado de capitais. CNBV, 1993.
- ROSS, Stephen *et al.* Administração financeira. São Paulo: Atlas, 1999.
- TAMER, A. Os novos caminhos do mercado financeiro. São Paulo: Saraiva, 2001.

DISCIPLINA: TÓPICOS ESPECIAIS EM GESTÃO DE PESSOAL (OPTATIVA)

EMENTA

As instancias das relações de trabalho e suas aplicações na gerencia de pessoal. A questão simbólica e a gerência da mudança de comportamentos. A gerência da produção e suas implicações na gerência de pessoal. A reengenharia e seu impacto na gerência de pessoal. Gerência de pessoal x gerência de talentos. As diversas alternativas políticas de condução de programas de remuneração e suas implicações na gerência de pessoal x gerência de performace. O papel da gerência de pessoal na gerência de qualidade.

CONTEÚDO

O programa analítico será desenvolvido em conjunto com os alunos, interessados em cada um dos tópicos da ementa.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir de quatro testes. Aqueles que obtiverem média entre os testes (primeira nota) igual ou superior a sete (5,0) estarão aprovados sem prova final. Os que fizerem prova final terão a sua média na disciplina calculada entre a média referente à primeira nota e a nota da prova final (segunda nota). A média para aprovação na disciplina é de no mínimo cinco (5,0).

BIBLIOGRAFIA

BOTELHO, E. A empresa inteligente. São Paulo: Atlas, 1993.
HIRATA, H. Sobre o modelo japonês. São Paulo: Edusp, 1993.
COMIM, A. A. *et al.* O mundo do trabalho. São Paulo: Página aberta, 1994.